

Convergência

OUTUBRO • 2017 • ANO LII

505

Revista da Conferência
dos Religiosos do Brasil – CRB
ISSN 0010-8162



CRB

Convergência ISSN 0010-8162

Diretora: Irmã Maria Inês Ribeiro, mad
Editor: Irmão Lauro Daros, fms
Redatora: Irmã Maria Aparecida das Dores Silva, fsp – MTb 3773/DF

Conselho Editorial: Frei Moacir Casagrande, ofmcap
Irmã Helena Teresinha Rech, sst
Irmã Vera Ivanise Bombonato, fsp
Jaldemir Vítório, sj
Irmã Nivalda Milak, fdz

Projeto gráfico: Manuel Rebelato Miramontes
Diagramação: Marília da Silva Ferreira
Revisão: Agda Sã
Impressão: Editora Gráfica Ipiranga
Ilustração da capa: Irmã Patrícia Souza da Silva

DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
SDS, Bloco H, n. 26, sala 507 – Ed. Venâncio II
70393-900 - Brasília - DF
Tel.: (61) 3226-5540 - Fax: (61) 3225-3409
E-mail: crb@crbnacional.org.br
www.crbnacional.org.br
Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas
do PDF sob o n. P. 209/73



EDIÇÕES CNBB
SE/Sul Quadra 801 - Cj. B - CEP 70200-014
Fone: 0800 940 3019 / (61) 2193-3019
Fax: (61) 2193-3001
E-mail: vendas@edicoescnbb.com.br
www.edicoescnbb.com.br

Sumário

Editorial

Os Jovens, Esperança da Missão IR. LAURO DAROS, MARISTA	4
--	---

Mensagem do Papa

Mensagem de Sua Santidade Papa Francisco para o Dia Mundial das Missões 2017	6
---	---

Mártires/Santos

O processo de canonização de Madre Carminha FREI PATRÍCIO SCIANDINI	10
--	----

Informes

Programação do CERNE e do PROFOLIDER para 2018 CERNE (CENTRO DE RENOVAÇÃO ESPIRITUAL)	13
Mestrado e doutorado com ênfase em missiologia – PUCPR	20

Artigos

O Batismo de Nossa Senhora da Imaculada Conceição do Rio Paraíba e como ela se tornou “Nossa” em Aparecida PE. PAULO SUESS	22
<i>Via Pulchritudinis</i> : Via para a Vida Religiosa Consagrada GIOVANNI CIPRIANI	37
Indígenas na vida religiosa consagrada: quem nós somos? PE. JUSTINO SARMENTO REZENDE	42
Sociedades de Vida Apostólica – trajetória, espírito e testemunho VINÍCIUS AUGUSTO RIBEIRO TEIXEIRA, C.M.	49

Os Jovens, Esperança da Missão

IR. LAURO DAROS, MARISTA

Neste mês das Missões, o Papa Francisco expressa que os jovens são a esperança da missão. Ele informa que “A próxima Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, que terá lugar em 2018 sobre o tema ‘Os jovens, a fé e o discernimento vocacional’, revela-se uma ocasião providencial para envolver os jovens na responsabilidade missionária comum, que precisa de sua rica imaginação e criatividade. Leiam no *site* do Vaticano o Documento Preparatório “XV Assembleia Geral Ordinária – Os jovens, a fé e o discernimento vocacional”¹”.

Frei Patrício Sciandini escreve sobre o Processo de Canonização de Madre Carminha. O autor declara: “Eu fico muito feliz quando ouço dizer de mais um Processo de Canonização de alguém, e muito mais quando este “alguém” é uma Carmelita Descalça ou Carmelita Descalço. O Carmelo, com sua vida de silêncio, de oração, de total doação ao serviço de Deus e da Igreja, como fermento e água viva, sacia o desejo e alimenta a experiência de Deus”.

A seção Informes apresenta a Programação do CERNE (Centro de Renovação Espiritual) e do PROFOLIDER (Formação de Lideranças) para 2018. O CERNE e o PROFOLIDER são organizados pela CRB visando a formação continuada da VRC.

A seção divulga também Mestrado e Doutorado em Missiologia, pela PUCPR, sob coordenação do Pe. Paulo Suess. Alguns professores são da Equipe Interdisciplinar da CRB: Pe. Stefano Raschiatti, Pe. Joachim Andrade e Pe. Rafael López.

1 Disponível em: www.vatican.va. Acesso em: julho de 2017.

Na seção Artigos, contemplando o encerramento do Ano Nacional Mariano e do mês das Missões, Pe. Paulo Suess publica: “O batismo de Nossa Senhora da Imaculada Conceição no Rio Paraíba e como ela se tornou ‘nossa’ em Aparecida”. Encerrando o Ano Nacional Mariano, o autor questiona: “O que significa para o trabalho missionário a transformação da “Virgem Maria” a serviço da Conquista (‘Nossa Senhora da Vitória’) para a Maria a serviço do povo simples e das causas do Reino?”

Giovanni Cipriani oferece “*Via Pulchritudinis*: Via para a Vida Religiosa Consagrada. Para o autor, ‘É bom que toda a catequese preste uma especial atenção à ‘via da beleza (*Via Pulchritudinis*)’”. Anunciar Cristo significa mostrar que crer n’Ele e segui-Lo não é algo apenas verdadeiro e justo, mas também belo, capaz de cumular a vida de um novo esplendor e de uma alegria profunda, mesmo no meio das provações. Se nós, como diz Santo Agostinho, não amamos senão o que é belo, o Filho feito homem, revelação da beleza infinita, é sumamente amável e atraí-nos para Si com laços de amor. Por isso, torna-se necessário que a formação na *Via Pulchritudinis* esteja inserida na transmissão da fé”.

A CRB está retomando o GRENI: Grupo de Religiosos(as) Negros(as) e Indígenas. Pe. Justino, indígena, apresenta o texto “Indígenas na VRC: Quem nós somos?” Iniciando a conversa, o autor explica: “O presente artigo visa contribuir com as reflexões sobre o caminho vocacional de jovens indígenas que ingressaram na Vida Religiosa Consagrada (VRC) nas diversas congregações e institutos religiosos. Para nós, indígenas, é importante acreditar que existimos e temos como contribuir com a VRC com nossos saberes. As perguntas que continuamente se fazem presentes na minha história são: como nós, indígenas, estamos construindo a VRC? Como nós estamos vivendo a nossa vida indígena, vida cristã e VRC?”

O que significa SVA? Pe. Vinícius Augusto Ribeiro Teixeira fala sobre o tema no texto “Sociedade de Vida Apostólica – trajetória, espírito e testemunho”. “Pela proximidade das SVA com a Vida Consagrada (VC), acreditamos ser oportuno refletir aqui sobre sua pouco conhecida identidade. Neste artigo, começaremos fazendo *memória* do *percurso histórico* que desembocou na atual formulação canônica (1). Em seguida, consideraremos os *fundamentos teológicos* que sedimentam sua *mística* (2). Por fim, teremos presentes as *tarefas* que qualificam e irradiam a *profecia* das SVA na Igreja (3).

Mensagem de Sua Santidade Papa Francisco para o Dia Mundial das Missões 2017¹

A missão no coração da fé cristã

Queridos irmãos e irmãs!

O Dia Mundial das Missões concentra-nos, também este ano, na pessoa de Jesus, “o primeiro e maior evangelizador”;² que incessantemente nos envia a anunciar o Evangelho do amor de Deus Pai, com a força do Espírito Santo. Este Dia convida-nos a refletir novamente sobre a missão no coração da fé cristã. De fato, a Igreja é, por sua natureza, missionária; se assim não for, deixa de ser a Igreja de Cristo, não passando de uma associação entre muitas outras, que rapidamente veria exaurir-se a sua finalidade e desapareceria. Por isso, somos convidados a interrogar-nos sobre algumas questões que tocam a própria identidade cristã e as nossas responsabilidades de crentes, em um mundo baralhado com tantas quimeras, ferido por grandes frustrações e dilacerado por numerosas guerras fratricidas, que injustamente atingem sobretudo os inocentes. Qual é o fundamento da missão? Qual é o coração da missão? Quais são as atitudes vitais da missão?

A missão e o poder transformador do Evangelho de Cristo, Caminho, Verdade e Vida

1. A missão da Igreja, destinada a todos os homens de boa vontade, funda-se sobre o poder transformador do Evangelho. Este é uma Boa-Nova portadora de uma alegria contagiante, porque contém e oferece uma vida nova: a vida de Cristo ressuscitado, o qual, comunicando o seu Espírito vivificador, torna-se para nós caminho, verdade e vida (Jo 14,6). É Caminho que nos convida a segui-Lo com confiança e coragem. E, seguindo Jesus como nosso Caminho, fazemos experiência da sua Verdade e recebemos a sua Vida, que é plena

1 Idem.

2 PAULO VI. Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi* (EN), n. 7.

comunhão com Deus Pai na força do Espírito Santo, liberta-nos de toda a forma de egoísmo e torna-se fonte de criatividade no amor.

2. Deus Pai quer esta transformação existencial dos seus filhos e filhas; uma transformação que se expressa como culto em espírito e verdade (Jo 4,23-24), ou seja, em uma vida animada pelo Espírito Santo à imitação do Filho Jesus para glória de Deus Pai. “A glória de Deus é o homem vivo”. Assim, o anúncio do Evangelho torna-se palavra viva e eficaz que realiza o que proclama (Is 55,10-11), isto é, Jesus Cristo, que incessantemente se faz carne em cada situação humana (Jo 1,14).

A missão e o kairós de Cristo

3. Por conseguinte, a missão da Igreja não é a propagação de uma ideologia religiosa, nem mesmo a proposta de uma ética sublime. No mundo, há muitos movimentos capazes de apresentar ideais elevados ou expressões éticas notáveis. Diversamente, através da missão da Igreja, é Jesus Cristo que continua a evangelizar e agir; e, por isso, aquela representa o *kairós*, o tempo propício da salvação na história. Por meio da proclamação do Evangelho, Jesus torna-se sem cessar nosso contemporâneo, consentindo à pessoa que o acolhe com fé e amor experimentar a força transformadora do seu Espírito de Ressuscitado que fecunda o ser humano e a criação, como faz a chuva com a terra. “A sua ressurreição não é algo do passado; contém uma força de vida que penetrou o mundo. Onde parecia que tudo morreu, voltam a aparecer por todo o lado os rebentos da ressurreição. É uma força sem igual”.³

4. Lembremo-nos sempre de que, “ao início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo”.⁴ O Evangelho é uma pessoa que, continuamente, oferece-se e, a quem a acolhe com fé humilde e operosa, continuamente convida a partilhar a sua vida através de uma participação efetiva no seu mistério pascal de morte e ressurreição. Assim, por meio do Batismo, o Evangelho torna-se fonte de vida nova, liberta do domínio do pecado, iluminada e transformada pelo Espírito Santo; através da Confirmação, torna-se unção fortalecedora que, graças ao mesmo Espírito, indica caminhos e estratégias novas de testemunho e proximidade; e, mediante a Eucaristia, torna-se alimento do homem novo, “remédio de imortalidade”.⁵

3 FRANCISCO. Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* (EG). Documentos Pontifícios 17. Brasília: Edições CNBB, 2013, n. 276.

4 BENTO XVI. Carta Encíclica *Deus Caritas Est* (DCE). Documentos Pontifícios 1. Brasília: Edições CNBB, 2007, n. 1.

5 INÁCIO DE ANTIOQUIA. *Epistula ad Ephesios*, n. 20, 2.

5. O mundo tem uma necessidade essencial do Evangelho de Jesus Cristo. Ele, através da Igreja, continua a sua missão de Bom Samaritano, curando as feridas sanguinolentas da humanidade, e a sua missão de Bom Pastor, buscando sem descanso quem se extraviou por veredas enviesadas e sem saída. E, graças a Deus, não faltam experiências significativas que testemunham a força transformadora do Evangelho. Penso no gesto daquele estudante “dinka” que, à custa da própria vida, protege um estudante da tribo “nuer” que ia ser assassinado. Penso naquela Celebração Eucarística em Kitgum, no norte do Uganda – então ensanguentado pelas atrocidades de um grupo de rebeldes – quando um missionário levou as pessoas a repetirem as palavras de Jesus na cruz: “Meu Deus, meu Deus, porque Me abandonaste?” (Mc 15,34), expressando o grito desesperado dos irmãos e irmãs do Senhor crucificado. Aquela Celebração foi fonte de grande consolação e de muita coragem para as pessoas. E podemos pensar em tantos testemunhos – testemunhos sem conta – de como o Evangelho ajuda a superar os fechamentos, os conflitos, o racismo, o tribalismo, promovendo por todo o lado a reconciliação, a fraternidade e a partilha entre todos.

A missão inspira uma espiritualidade de êxodo, peregrinação e exílio contínuos

6. A missão da Igreja é animada por uma espiritualidade de êxodo contínuo. Trata-se de “sair da própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho”.⁶ A missão da Igreja encoraja a uma atitude de peregrinação contínua através dos vários desertos da vida, através das várias experiências de fome e sede de verdade e justiça. A missão da Igreja inspira uma experiência de exílio contínuo, para fazer sentir ao homem sedento de infinito a sua condição de exilado a caminho da pátria definitiva, pendente entre o “já” e o “ainda não” do Reino dos Céus.

7. A missão adverte a Igreja de que não é fim em si mesma, mas instrumento e mediação do Reino. Uma Igreja autorreferencial, que se compraza dos sucessos terrenos, não é a Igreja de Cristo, seu corpo crucificado e glorioso. Por isso mesmo, é preferível “uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças”.⁷

6 EG, n. 20.

7 Ibidem, n. 49.

Os jovens, esperança da missão

8. Os jovens são a esperança da missão. A pessoa de Jesus e a Boa-Nova proclamada por Ele continuam a fascinar muitos jovens. Estes buscam percursos onde possam concretizar a coragem e os ímpetus do coração ao serviço da humanidade. “São muitos os jovens que se solidarizam contra os males do mundo, aderindo a várias formas de militância e voluntariado. (...) Como é bom que os jovens sejam ‘caminheiros da fé’, felizes por levarem Jesus Cristo a cada esquina, a cada praça, a cada canto da terra!”⁸ A próxima Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, que terá lugar em 2018 sobre o tema “Os jovens, a fé e o discernimento vocacional”, revela-se uma ocasião providencial para envolver os jovens na responsabilidade missionária comum, que precisa da sua rica imaginação e criatividade.

O serviço das Obras Missionárias Pontifícias

9. As Obras Missionárias Pontifícias são um instrumento precioso para suscitar em cada comunidade cristã o desejo de sair das próprias fronteiras e das próprias seguranças, fazendo-se ao largo a fim de anunciar o Evangelho a todos. Através de uma espiritualidade missionária profunda vivida dia a dia e de um esforço constante de formação e animação missionária, envolvem-se adolescentes, jovens, adultos, famílias, sacerdotes, religiosos e religiosas e bispos para que, em cada um, cresça um coração missionário. Promovido pela Obra da Propagação da Fé, o Dia Mundial das Missões é a ocasião propícia para o coração missionário das comunidades cristãs participar, com a oração, com o testemunho da vida e com a comunhão dos bens, na resposta às graves e vastas necessidades da evangelização.

Fazer missão com Maria, Mãe da evangelização

10. Queridos irmãos e irmãs, façamos missão inspirando-nos em Maria, Mãe da evangelização. Movida pelo Espírito, Ela acolheu o Verbo da vida na profundidade da sua fé humilde. Que a Virgem nos ajude a dizer o nosso “sim” à urgência de fazer ressoar a Boa-Nova de Jesus no nosso tempo; nos obtenha um novo ardor de ressuscitados para levar, a todos, o Evangelho da vida que vence a morte; interceda por nós, a fim de podermos ter uma santa ousadia de procurar novos caminhos para que chegue a todos o dom da salvação.

8 Ibidem, n. 106.

O processo de canonização de Madre Carminha

FREI PATRÍCIO SCIANDINI

Nada mais belo do que termos consciência de que Deus nos criou para conhecê-Lo, amá-Lo e servi-Lo aqui na terra e depois gozar de sua presença na eternidade. Esta vocação passa através dos acontecimentos da vida que nem sempre soam claros para nós, mas sempre soam claros para Deus, que nos conduz com infinita ternura. A Igreja propõe-nos viver, ser santos, e coloca em evidência homens e mulheres que souberam viver com admirável intensidade a própria vocação, tornando-se modelos para todos nós. Os Santos não nasceram tais, fizeram-se. Tinham um caráter como o nosso, instintos bárbaros, mas souberam orientar, com a graça de Deus, a própria vontade até o ponto de tornarem-se mansos e humildes à imitação de Jesus. Descobrir estes “homens e mulheres excepcionais” é tarefa da mesma Igreja.

Eu fico muito feliz quando ouço dizer de mais um Processo de Canonização de alguém, e muito mais quando este “alguém” é uma Carmelita Descalça ou Carmelita Descalço. O Carmelo, com sua vida de silêncio, de oração, de total doação ao serviço de Deus e da Igreja, como fermento e água viva, sacia o desejo e alimenta a experiência de Deus.

A Diocese de Taubaté está iniciando o Processo de Canonização de Irmã Maria do Carmo da Santíssima Trindade, mais conhecida como a Carminha de Tremembé. Uma monja Carmelita Descalça que, antes de chegar a Tremembé, peregrinou por vários lugares, desejosa de ser Santa, e que conseguiu ser um sinal de fé, de esperança e de amor para muitas pessoas.

Quando falamos dos Santos, somos tentados a pensar que eles tiveram uma família bem constituída, viveram nos braços da ternura e nunca tiveram nenhuma dificuldade na própria caminhada humana e espiritual. É um grande erro. Hoje como ontem nós tivemos “mães meninas” e quando a Carminha nasceu em Itu, sua mãe tinha apenas 15 anos. Uma idade tão comum hoje em dia. Como pode uma menina de quinze anos ter uma filha? Aí vemos como a Providência intervém: os avós paternos, pais de Teotônio, levam a menina – Carmen – para Campinas, onde deram toda uma educação, uma formação humana e intelectual. A distância da mãe e do pai não provocou grandes lacunas no coração de Carmen, porque encontrou amor! Mais tarde, ela estava em São Paulo, no Colégio Sion para completar a sua formação e depois no Rio de Janeiro onde, em 1926, no dia 21 de abril, entra no recém fundado Carmelo São José. Mas vamos evidenciar algumas datas importantes na vida de Carminha:

25 de novembro de 1898 – Nascimento em Itu/SP.

12 de fevereiro de 1899 – Santo Batismo em Campinas/SP.

21 de junho de 1917 – Primeira Comunhão em Campinas/SP.

21 de abril de 1926 – Entrada no Carmelo São José no Rio de Janeiro/RJ.

24 de outubro de 1926 – Vestição religiosa.

2 de novembro de 1930 – Profissão Solene.

23 de maio de 1946 – Eleita Priora no Carmelo São José.

7 de setembro de 1955 – Fundação do Carmelo da Santa Face e Pio XII em Tremembé /SP.

13 de julho de 1966 – às 5h45, entrega sua alma ao Senhor.

Se nós queremos sintetizar com poucas palavras toda a vida da Irmã Maria do Carmo da Santíssima Trindade, poderíamos usar suas mesmas palavras de 1951, quando ela celebrava os 25 anos de sua vestição religiosa: “amor, dor, felicidade”. De fato, ao longo de toda sua vida ela não teve nenhuma preocupação a não ser a de realizar o projeto de Deus. Nela o amor de Deus não foi estéril. Sempre e em todas as circunstâncias se compromete em dar o melhor de si a Nosso Senhor: os seus afetos, a sua inteligência, a sua dedicação... Sentia-se totalmente inserida no Coração de Jesus e queria ser na Igreja uma presença orante diante da Hóstia Consagrada.

Mas o amor não pode existir sem a marca da Cruz que, para nós que temos fê, não é castigo e nem tampouco falta de amor de Deus que dá a cruz por aqueles que ama de verdade. A cruz, a dor, nos consagram e nos

tornam ainda mais amigos de Deus. Todos nós, quando amamos a Deus, queremos abraçar com gosto a nossa cruz e assumir no nosso coração todos os sofrimentos da humanidade. Maria do Carmo fez isto na sua vida e com seu testemunho ensinou as irmãs de sua Comunidade a serem amantes da cruz de Cristo e Sua paixão para que o Cristo possa sempre ter almas que se ofereçam ao Pai pela salvação da humanidade.

O amor assumido com a cruz gera a beatitude, como Carminha diz, que é a felicidade. Na escola dos Santos do Carmelo, especialmente de Santa Teresa, São João da Cruz e Santa Terezinha, Irmã Maria do Carmo alimentou sua vida interior, e sabe que quando se ama, a felicidade não significa ausência da Cruz, mas, sim, capacidade de carregá-la com alegria. O corpo pode estar ferido, o coração sofrendo, mas a alma canta, rejubila e bendiz a Deus por tudo. Estas três palavras “amor, dor e felicidade” constituem o projeto da vida de Irmã Maria do Carmo e o nosso.

Depois da morte de Irmã Maria do Carmo, que foi uma verdadeira festa na terra e no Céu, onde o povo de Tremembé e de outros lugares tiveram a graça de ter alguém para interceder, foi se difundindo sua “fama de Santidade”. Sua lembrança não foi apagada pelos anos, mas foi crescendo até o ponto que a comunidade do Carmelo de Tremembé, provocada pelo povo, pelos Sacerdotes e amigos Bispos, sentiu a necessidade de pedir a abertura do Processo de Canonização.

Estamos esperando, com a graça de Deus, esse grande acontecimento eclesial. Na Diocese de Taubaté, animada pelo Senhor Bispo Dom Carmo João Rhoden, vamos desde já continuar a suplicar ao Senhor que revele Seu amor por nós. Esperamos que, se for de Sua vontade, um dia Carminha de Tremembé possa ser proclamada Santa pela autoridade e pelo ministério da Igreja. E a nós, cabe trabalhar para que isto aconteça.

Oração

Adoro-vos, meu Deus e Senhor! Louvando-vos, agradeço de todo meu coração por terdes chamado Madre Maria do Carmo para ser toda vossa na Ordem da Bem-Aventurada Virgem Maria do Monte Carmelo. Suplico-vos agora, também, Ó Deus – Senhor Nosso – Vossa graça, para tê-la brevemente elevada à honra do Altar. (formular o pedido) Por Nosso Senhor Jesus Cristo, Vosso Filho, na unidade do Espírito Santo. Amém!

Programação do CERNE e do PROFOLIDER para 2018

CERNE (CENTRO DE RENOVAÇÃO ESPIRITUAL)

A Conferência dos Religiosos e Religiosas do Brasil, coerente com sua razão de ser e empenhada para que os Religiosos e Religiosas tenham formação adequada às necessidades dos tempos, alma, desde 1977, o Centro de Renovação Espiritual – CERNE, programa que visa promover a integração e o amadurecimento dos dons e potencialidades dos Religiosos e Religiosas, para que, livres, criativos e felizes, abracem a missão no discipulado de Jesus. O CERNE proporciona uma vivência intercongregacional, na dinâmica de partilha, oração, reflexão e avaliação pessoal e comunitária, experiência que possibilita revigorar a Vida, a Consagração e a Missão.

Dinâmica

Na dinâmica global do CERNE, destacam-se: conteúdos que abrangem as dimensões psicológica, espiritual, teológica e social; celebrações litúrgicas diárias; tempo pessoal de oração; experiência de comunidades de vida (grupos de vivência); avaliações periódicas; convivência comunitária; partilha do processo pessoal com acompanhamento espiritual; equipes de serviço e apoio ao grande grupo; partilha de experiências apostólicas e do carisma congregacional; retiro final de sete dias.

Objetivos

Proporcionar, às Religiosas e Religiosos, a partir dos 15 anos de Profissão, a oportunidade de fazer uma releitura de sua Vida Consagrada, em todas as dimensões, e de sua Missão, ressignificando o seu seguimento de Jesus Cristo.

Incentivar a vivência fundamentada no amor de Deus, recriando suas próprias relações, valorizando as diferenças, descobrindo espaços de partilha de vida, fé e missão, para transformar o que impede uma vida humana com mais plenitude.

Motivar, pela vivência fraterna-sororal criativa, a revitalização dos relacionamentos interpessoais, em um clima de verdade e de confiança para um reencantamento pela VRC.

Oferecer conteúdos atualizados que proporcionem um aprofundamento humano, teológico, espiritual, social, para a retomada com mais entusiasmo, coerência e novo vigor da Vida, Consagração e Missão.

Oportunizar a intensificação da vida de oração, com a ajuda do Acompanhamento Espiritual, para propiciar uma profunda experiência de Deus e o cultivo de uma mística enraizada na Palavra – Leitura Orante.

Inscrição

A inscrição é feita em duas fichas: uma do(a) candidato(a), outra do(a) Superior(a) Maior; toda correspondência e as inscrições devem ser direcionadas à Sede da CRB Nacional, CERNE; as vagas são destinadas, prioritariamente, aos(as) primeiros(as) inscritos(as) que respondem aos critérios abaixo.

Crítérios de participação

Para atender à finalidade do CERNE, requer-se da/do participante: opção firme na Vida Religiosa Consagrada; um tempo aproximado de 15 anos de Consagração, a partir da primeira Profissão; desejo e acolhida da proposta como um tempo de experiência de vida e formação integral, abrindo-se ao processo de revitalização integral; saúde suficiente para acompanhar o conjunto da programação; liberação total do tempo para participar do programa do início ao fim.

CERNE 117

Data: 4 de fevereiro a 16 de março de 2018

Local: Centro Cultural Missionário (CCM); SGAN 905 - Conjunto C, Asa Norte - CEP: 70790-050 - Brasília, DF

Telefax: (61) 3274-3009

E-mail: ccm@ccm.org.br

Data: 16 de setembro a 26 de outubro de 2018

Local: CECREI - Centro De Espiritualidade Cristo Rei - Rua Regina Mundi, 333 - Cristo Rei - CEP: 93020-280 - São Leopoldo - RS

Fone: (51) 3081.4200 - Fax (51) 3081.4244

E-mail: cecrei@cecrei.org.br

Inscrições:

Conferência dos Religiosos do Brasil - SDS Bloco H, n. 26 - Salas 501 a 517. Edifício Venâncio II - 70393-900 - Brasília-DF

Tel: (61)3226.5540 / Fax: (61)3224.4249

www.crbnacional.org.br

E-mail: cerne@crbnacional.org.br

PROFOLIDER (Formação de Lideranças)

Programa da Conferência dos Religiosos e Religiosas do Brasil que se destina à formação de Novas Lideranças e às Lideranças da VRC. Aprofunda temas específicos desenvolvidos em espaço comunitário de troca de experiências, vivência humana e espiritual, em vista de uma maior integração da pessoa consagrada e suas relações com a Instituição, com a realidade e sua espiritualidade-missão.

Objetivos

- Contribuir para uma nova geração de VRC alicerçada no seguimento e discipulação de Jesus, capaz de assumir os riscos de mudança, os desafios dos tempos atuais.
- Ressignificar o carisma fundante.
- Gerar formas de lideranças inovadoras e visibilizar, nas relações, os valores evangélicos.

16 Dimensões

- A pessoa consagrada.
- A realidade circundante, como espaço de missionariedade.
- A teologia que anima a VRC.
- A espiritualidade e missão que alimentam e impulsionam no seguimento de Jesus.

Como o PROFOLIDER é ministrado em quatro módulos:

1. A Pessoa e a Instituição

Objetivo

Ressignificar a relação Pessoa-Instituição, com atenção especial à identidade e aos valores inegociáveis, liderança, leveza no exercício da autoridade e do poder nas relações com a Instituição.

Conteúdo

Relações interpessoais e liderança na VRC (administração de conflitos, perdas, tensões, trabalho em equipe, mística da escuta, do acolhimento de membros feridos). Viver bem e envelhecer bem. Leveza pessoal e institucional.

2. A Realidade

Objetivo

Cultivar a consciência crítica e o discernimento evangélico na formação de lideranças da VRC, capacitando-as a se posicionarem com firmeza diante dos conflitos, desafios e outras situações que surgem na vida cotidiana.

Conteúdo

Reflexão crítica sobre a realidade atual. Contemplação sapiencial da realidade. Interculturalidade/mudanças culturais e subjetividade. A Liderança e a Gestão na VRC (oficinas e laboratório: poder-serviço, autoridade,

capacidade de negociar, trabalhar em equipe; mística da escuta; gestão colegiada; rotatividade-descentralização).

3. Vida Religiosa Consagrada

Objetivo

Oportunizar uma reflexão que ajude a resgatar o núcleo identitário da Vida Religiosa Consagrada e sua vocação profética na Igreja e no mundo em constante mudança.

Conteúdo

Antropologia cristã e cristologia, com enfoque para o discipulado. Teologia e identidade na VRC. Ética e VRC. Eclesiologia e VRC.

4. Espiritualidade e Missão

Objetivo

Incentivar a vivência de uma espiritualidade evangélica e ecológica que nos apaixone pela pessoa de Jesus e seu Reino, alimente a partilha de vida, a pertença, a profecia, o anúncio missionário e o comprometimento com os empobrecidos, o “não lugar”.

Conteúdo

Carisma, Mística e Profecia (ícones bíblicos e eclesiais de liderança). Fundamento bíblico-teológico da Missão a serviço do Reino, Aliança. Integração da Criação – Justiça e Paz. Redes sociais: ferramenta da missão X isolamento social. Dimensão celebrativa. Acompanhamento espiritual semanal. Retiro final.

Destinatários(as)

Lideranças de Institutos Religiosos: com boa capacidade de reflexão sobre o momento atual da VRC; abertas à construção de um novo modelo de VRC; comprometidas com a mudança pessoal e Institucional; interessadas em qualificar a presença da VRC na Igreja e na sociedade como promotora da vida; dispostas a uma experiência integradora da afetividade-espiritualidade-missão; promotoras de uma cidadania inclusiva; capazes de mudança de mentalidade na perspectiva da colegialidade, vencendo o individualismo e o centralismo.

Critérios de participação

- Irmãs, irmãos e sacerdotes com idade de 30 a 60 anos, votos perpétuos e Ensino Médio completo.
- Liberados(as) em tempo integral para o curso.
- Maturidade humana, psicológica, espiritual e emocional, com abertura para se deixar confrontar e confrontar-se consigo mesmos(as).
- Capazes de assumir lideranças em projetos novos (alternativos, parcerias).
- Capacidade de diálogo e posicionamento frente ao diferente e ao mundo plural.

Inscrições

Enviar a ficha de inscrição, acompanhada de pequeno *Curriculum Vitae* para o endereço da CRB Nacional, indicando PROFOLIDER XVI.

- Carta de apresentação do(a) Superior(a) Maior.
- Aguardar a confirmação da inscrição para enviar o pagamento.
- Vagas: 30 participantes.
- Prazo: até o preenchimento das vagas.
- Duração: dois meses, incluindo o retiro de sete dias.
- Regime: internato no CCM.

PROFOLÍDER XVI

Data: 3 de junho a 3 de agosto de 2018

Local: Centro Cultural Missionário (CCM) – SGAN 905 – Conjunto C – Asa Norte

70790-050 – Brasília, DF

Telefax: (61) 3274-3009

E-mail: ccm@ccm.org.br

Inscrições

Conferência dos Religiosos do Brasil

SDS Bloco H, n. 26 – Salas 501 a 517

Edifício Venâncio II – 70393-900 – Brasília-DF

Tel.: (61)3226-5540 / Fax: (61)3224-4249

www.crbnacional.org.br

E-mail: cerne@crbnacional.org.br

Pe. Antônio Alves Dias, css

Ir. Francisca Wanderley, ij

Coordenação: CERNE e PROFOLIDER

SDS Bloco H, n. 26 - Salas 501-517

Ed. Venâncio II - CEP: 703939-900 - BRASÍLIA/DF

E-mail: cerne@crbnacional.org.br

Tel.: (61) 3226.5540

(61)98471.0242 (Francisca) / (61)98473.0242 (Toninho) - Vivo

Mestrado e doutorado com ênfase em missiologia – PUCPR

O Programa de Pós-Graduação em Teologia da PUCPR (PPGT) oferece mestrado e doutorado em teologia, reconhecido pelo CAPES, com ênfase em Exegese e Teologia Bíblica, Teologia Sistemático-Pastoral, Teologia Ético-Social e, agora, também em Missiologia. Integram o corpo docente da nova ênfase, além de professores do Programa, convidados externos e especialistas como Paulo Suess, Stafano Raschietti, Joachim Andrade e Rafael López.

O Mestrado tem a duração de dois anos, e o Doutorado, de quatro anos. Para os candidatos ao Doutorado, o Programa valida até 18 créditos do Mestrado, dentre os 24 a serem cursados em disciplinas. Para alunos sem Graduação em Teologia, o Programa oferece disciplinas especiais para suprir a lacuna. As aulas acontecem nas segundas, terças e quartas-feiras, a cada quinze dias, em nove etapas no semestre. O processo seletivo acontece em novembro de 2017, e a matrícula em março de 2018.

Maestría y doctorado com énfasis em misionología – PUCPR

El Programa de Posgraduación en Teología de la PUCPR (PPGT) ofrece maestría y doctorado en teología, reconocido por la CAPES, con énfasis en Exégesis y Teología Bíblica, Teología Sistemático-Pastoral, Teología Ético-Social y, ahora, también en Misionología. Integran el cuerpo docente de esta nueva énfasis, además profesores del Programa, invitados externos y especialistas como Paulo Suess, Stefano Raschietti, Joaquim Adrade, Rafael López.

La Maestría tiene una duración de dos años, y el Doctorado, de cuatro años. Para candidatos al Doctorado, el Programa valida hasta 18 créditos de la Maestría, dentro de los 24 a cursar como disciplinas. Para aquellos sin Graduación en Teología, el Programa ofrece algunas disciplinas especiales para suplir esa lacuna. Las clases se imparten los lunes, los martes y los miércoles, cada quince

días, en nueve etapas en el semestre. El Proceso de Selección se realiza en noviembre de 2017, y la matrícula en marzo de 2018.

Maiores informações, na Secretaria do Programa
Programa de Pós-Graduação em Teologia – PPGT
Rua Imaculada Conceição, 1155 – Bloco 01
Prado Velho – Curitiba, PR – CEP: 80215-901
Tel.: (41) 3271-1359 – E-mail: secretaria.ppgt@pucpr.br
Website PPGT: www.pucpr.br/posgraduacao/teologia
Website Relami: www.missilogia.org.br
Horário: 8h às 12h; 13h30 às 17h30.

O Batismo de Nossa Senhora da Imaculada Conceição do Rio Paraíba e como ela se tornou “Nossa” em Aparecida

PE. PAULO SUESS

Introdução

A conquista das colônias ibéricas sempre teve um braço militar e outro espiritual. A religião era uma arma de submissão dos povos conquistados, mas também um bálsamo para a vida cotidiana dos próprios colonizadores e para a segunda ou terceira geração dos colonizados. Com o passar do tempo, os povos colonizados se apropriaram de elementos essenciais da religião imposta e fizeram deles uma arma de sua sobrevivência e libertação. Indígenas, escravos e empobrecidos na terra conquistada transformaram as devoções de santos, relíquias e imagens milagrosas em amuletos de sua sorte, interlocutores de suas rezas e instâncias de sua proteção.

A seguir, algumas reflexões a partir de duas devoções e imagens que nos primórdios aportaram na Terra da Santa Cruz, onde se transformaram: a devoção a Nossa Senhora de Loreto, uma imagem de mãe negra, milagrosa, com o menino Jesus nos braços, e a imagem de Nossa Senhora da Imaculada Conceição, virgem branca, também já muito antes de chegar ao Brasil considerada milagrosa. A virgem branca, no Rio Paraíba do Sul, tornou-se negra, e a mãe preta, de Loreto, em Jacarepaguá, na periferia do Rio de Janeiro, tornou-se branca. Nem todas as imagens de Loreto no Brasil sofreram esse processo de branqueamento, como nem todas as imagens da Imaculada Conceição se tornaram negras.

1. Da Imaculada Conceição à Conceição Aparecida

Há 300 anos, três pescadores desceram o Rio Paraíba do Sul à procura de peixes. Sem sucesso. Chegando ao Porto Itaguaçu, lançaram outra vez sua rede e, em vez de peixes, apanharam o corpo de uma imagem de barro cozido e, em um segundo lance de sua rede, apareceu a cabeça da mesma imagem, logo reconhecida como uma imagem despedaçada de Nossa Senhora da Imaculada Conceição. A história conta que, depois dessa pesca surpreendente, os pescadores apanharam peixes em abundância.

A transfiguração de “Nossa Senhora da Imaculada Conceição” em “Nossa Senhora Aparecida”, ou abreviado, da “Imaculada” portuguesa em “Aparecida” brasileira, às vezes, amorosamente, invocada como “Cida” ou “Cidinha”, pode ser considerado o primeiro milagre de uma santa “cuja ancestral branca” acompanhou os conquistadores no porão de suas naus. No litoral paulista, Martim Afonso de Souza (1500-1571) dedicou a ela a primeira igreja no Brasil. Hoje, em todo o território nacional, são mais de 530 paróquias dedicadas a Imaculada Conceição e mais de 340 a Nossa Senhora Aparecida.¹

O milagre é configurado pela metamorfose de uma santa, que a iconografia nos mostra desde suas origens europeias branca e, na plenitude da graça, acompanhada por anjos e olhando para o céu, e que sobreviveu à longa permanência no Rio Paraíba do Sul. Há relatos dos primórdios da atividade missionária que nos falam de certa resistência de alguns grupos guarani contra imagens da Virgem conquistadora, que consideravam portadora “de um poder maléfico”.² Ruiz de Montoya nos relata a dor que sentiu quando viu a destruição execrável que os guaranis fizeram de uma imagem da Virgem que pertenceu ao padre Roque Gonzáles (1576-1628).³ E o jesuíta Pedro Lozano (1697-1752), historiador da Companhia de Jesus, “recolhe em sua obra um fato semelhante no povo guarani chiriguano. Após darem morte ao Pe. Julián Lizardi, os indígenas dividiram de alto a baixo uma pintura de Nossa Senhora, inseparável companheira do missionário, e derrubaram a imagem titular, arrancando-lhe a cabeça e as mãos”.⁴ Se foram guaranis que jogaram a imagem no Rio Paraíba, não o sabemos. Sabemos, porém, que a passagem de Virgem conquistadora para Virgem

1 PIVA, Elói Dionísio. *A Imaculada na piedade popular luso-brasileira*. Em: COSTA, Sandro Roberto da (org.), *Imaculada: Maria do povo, Maria de Deus*. Petrópolis: Vozes, 2004, 173-204, aqui 183. Tb. MEGALE, Nilza Botelho. *Invocações da Virgem Maria no Brasil*, 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1997, 45.

2 CHAMORRO, Graciela. Maria nas culturas e religiões ameríndias [Maria]. Em: Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana, n. 46, 2003/3, 92-100, aqui 93.

3 MONTROYA, Antônio Ruiz de. *Conquista espiritual feita pelos religiosos da Companhia de Jesus nas províncias do Paraguai, Paraná, Uruguai e Tape [1639]*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1985, 200.

4 CHAMORRO, Maria nas culturas, 94.

protetora dos conquistados se deu em um processo demorado e, por que não dizer, processo milagroso de inculturação.⁵

Após a permanência de alguns anos no leito do rio como em uma pia batismal, emergiram na rede dos pescadores dois pedaços de barro de uma imagem despida, com seu orgulho de plenitude branca quebrado, sem indumentária, escurecida, realmente “nossa”, Senhora por respeito, não pelo sangue. Azul é apenas seu manto, posteriormente confeccionado para cobrir sua nudez e negritude. Depois do batismo no Rio Paraíba e uma longa permanência na casa dos pobres, a imagem é enfeitada com adornos, cordões de ouro e homenagens que têm valor simbólico, não real. Não foram encomendados pela visitada, mas agradam os visitantes. E não é para menos. O povo sempre dá o melhor para seus hóspedes.

A passagem da Imaculada por esse rio indica sua missão como Aparecida. É uma missão que significa despojamento, presença, visitação silenciosa. Realmente, o primeiro milagre da Aparecida é o processo da inculturação pelo qual a Imaculada se tornou a “Cidinha” missionária, visitada e visitadora de muitos que estão atormentados pelos achaques da vida. Basta visitar a “Sala dos Milagres” em Aparecida, ver os objetos ali deixados e ler os bilhetinhos com as mensagens sobre graças alcançadas.

A pesca abundante pode ser considerada como o segundo milagre de Aparecida. Os peixes eram esperados e tinham destino certo. A Visitadora é Auxiliadora. Mas o que fazer com a imagem em pedaços? Um dos três pescadores, Felipe Pedroso, levou os pedaços toscos do barro da terra para sua casa e deixou restaurar a imagem. Por quinze anos, a vizinhança se reuniu nessa casa, em um pequeno anexo, uma espécie de oratório, que foi logo construído para receber cada vez mais devotos. Ao longo desses anos, Aparecida se inculturou na vida dessa gente. Nas rezas do terço, o povo pediu a proteção da Santa e agradeceu pela sua proteção.

Com o tempo, a pescaria de 1717 se tornou o evento fundacional de um santuário novo, em um país que ainda era colônia portuguesa e católica. No Brasil, viviam-se as restrições semelhantes ao “Édito de Tessalônica” (380), que proibiu as religiões não cristãs. Até meados do século XVIII, emissários da Inquisição portuguesa vinham periodicamente ao Brasil para punir manifestações clandestinas da alteridade religiosa, enquanto a “Imaculada” mostrou sua alteridade de “Aparecida”.

No Rio Paraíba não aconteceu propriamente uma aparição milagrosa de Nossa Senhora. A Aparecida é uma santa silenciosa. Apareceu no silêncio das

5 A história de “Nossa Senhora da Vitória”, em: MEGALE, *Invocações*, 465–469.

águas e atuou no silêncio das casas, sem dizer uma só palavra, sem fazer promessas nem profecia, sem dar ordens ou indicar um lugar para construir um templo. Ela não propõe encontros com data e hora marcadas, nem envia mensagens por uma vidente. A Aparecida não fez questão de sua identidade e descendência da Imaculada Conceição, nem se trata da confirmação de um dogma, como em Lourdes, mas de um simples e maravilhoso “encontro” de dois pedaços de uma imagem, logo identificada como da Imaculada Conceição.

Em Lourdes, sim, aconteceram, segundo Bernadete Soubirous, dezoito aparições de uma “senhora branca”. E essa “senhora” falava, deu recados, pediu orações e se identificou na 16ª aparição, no dia 25 de março de 1858, festa da Anunciação do Senhor, com as palavras: “Eu sou a Imaculada Conceição”, eliminando as dúvidas que possam ainda ter pairado sobre a proclamação do dogma por Pio IX, quatro anos antes. Em Lourdes, o nascimento de Maria sem pecado original tinha recebido a sua confirmação do alto.

Apesar do silêncio e de milagres discretos, a devoção da Nossa Senhora Aparecida cresceu e se espalhou pela região. Para receber cada vez mais peregrinos, foi necessário construir espaços maiores, simbólicos e reais. Em 1904, a imagem de Nossa Senhora da Conceição Aparecida foi solenemente coroada e, em 1929, foi proclamada padroeira oficial do Brasil. Já em 1980, a Basílica Nova foi consagrada pelo Papa João Paulo, e o evento do Rio Paraíba tornou-se feriado nacional, litúrgica e politicamente reverenciado a cada dia 12 de outubro. Em 1984, a CNBB declarou a Basílica, oficialmente, Santuário Nacional, e o dia 12 de outubro de 2016 marcou a abertura do Ano Jubilar em comemoração aos 300 anos da aparição de Aparecida.

A integração nacional e oficial de um evento milagroso, originalmente destinado aos pobres e apropriado pelos socialmente humilhados como elemento de resistência e luta pela sua dignidade, não é sem risco e aconteceu também em outros países. As manipulações das elites políticas e culturais passam sempre por aquilo que o povo considera sagrado. Há anos concelebrei com companheiros da Teologia Índia uma Missa na Basílica de Nossa Senhora de Guadalupe, santuário nacional do México, com não indígenas sentados nos bancos e com praticamente todos os índios presentes sentados no chão, no fundo da Igreja, ou encostados na parede. As elites, donas da palavra e do poder, procuram fazer os pobres reconhecerem, voluntariamente, “seu” lugar nas repartições públicas, na sociedade e na Igreja. Nas festas religiosas, buscam proximidade com as “autoridades” religiosas populares que lhes dão legitimidade e sacralizam seu poder. Mas os milagres acontecem “no fundo da Igreja” e nas periferias, onde nasce a esperança.

Hoje, doentes abastados e pobres, com suas dores desiguais, procuram a Santa. Vêm para “pagar” promessas atendidas e para encomendar graças

urgentes. Cidinha e Rainha, com humildade e majestade, Nossa Senhora Aparecida pode puxar a cada uma e a cada um para cima e para fora de sua miséria, pode garantir o essencial a cada dia e, na falta desse essencial, e apesar dessa falta, transmitir o sentimento de não abandonar os devotos dos quais é Mãe. Ela também experimentou a precariedade da vida. Na passagem pela água do rio e pela casa dos pobres, a Virgem Imaculada integrou no imaginário dos fiéis traços robustos da Mãe Terra, simbolizada não somente pela cor, mas também pelo adorno da Lua aos seus pés, que a faz “espelho de justiça”, porque reflete a luz de Cristo, como já cantava Anchieta:

Ele, como sol, domina o universo,
cingido com os raios da justiça.

Tu, como Lua, com a face toda iluminada,
brilhas em trono altíssimo nos céus.⁶

2. Impulsos missionários da Aparecida: inculturação, atração e radiação

A atração de massas populares e elites pela Santa de Aparecida se deve, provavelmente, ao amplo espectro social e imaginário que cabe entre a simplicidade de seu corpo material de barro e a coroa como símbolo da nobreza. Roque Gonzáles (1576–1628), mártir jesuíta e colega do jesuíta Ruiz de Montoya (1585–1652), chamava a imagem da Virgem Maria, que o acompanhou em suas peregrinações missionárias, a “Conquistadora”, “atribuindo à sua presença os sucessos prósperos de suas empresas”.⁷ Os sinais falam mais alto do que mensagens teológicas que os próprios mensageiros não entendem, como aconteceu em Lourdes. Essa atração por causa de um amplo leque hermenêutico possível foi uma das razões pelas quais o Papa Bento XVI decidiu que a V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe fosse realizada em Aparecida. O Papa, que nasceu perto de Altötting, cidade que abriga o santuário mais procurado de uma madona negra no Sul da Alemanha, tinha conhecimento de dados estatísticos preocupantes sobre a involução do catolicismo no Brasil.⁸ Maria, a discípula missionária fiel, po-

6 ANCHIETA, José de. *O poema de Anchieta sobre a Virgem Maria Mãe de Deus* (de Beata Virgine Matre Dei Maria), 5ª ed. São Paulo: Paulinas, 1996, p. 322.

7 MONTTOYA, *Conquista espiritual*, 200.

8 CELAM. *Documento de Aparecida (DAp). Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*. Brasília-São Paulo: Edições CNBB-Paulus-Paulinas, 2008, n. 100.

deria ajudar a reverter esse quadro. E a V Conferência respondeu aos anseios de Bento: “Fixamos o olhar em Maria e reconhecemos nela a imagem perfeita da discípula missionária. (...) Junto com ela, queremos estar atentos uma vez mais à escuta do Mestre, e ao redor dela, voltarmos a receber com estremecimento o mandato missionário de seu Filho: ‘ide, pois, fazer discípulos em todas as nações’” (Mt 28,19; DAp 364).⁹ Ainda em sua homilia, na Missa inaugural dessa V Conferência, em 13 de maio 2007, data significativa para Aparecida (1717), para a abolição formal da escravidão no Brasil (13 de maio de 1888), para Fátima (13 de maio de 1917) e para a comemoração do atentado frustrado contra João Paulo II (13 de maio de 1981), o Papa Bento falou do crescimento do povo de Deus pela “atração” divina e não pelo proselitismo de zelotes. O Documento de Aparecida (DAp) assumiu esse tópico da missão como “atração” do próprio Jesus¹⁰ e, por extensão, por Maria: ela, que “pode chegar a ser mãe da Palavra encarnada”¹¹ e consegue atrair “multidões à comunhão com Jesus e sua Igreja, como experimentamos muitas vezes nos santuários marianos”.¹² “Maria ajuda a manter vivas as atitudes de atenção, de serviço, de entrega e de gratuidade”, indicando assim “qual é a pedagogia para que os pobres, em cada comunidade cristã, ‘sintam-se como em casa’”.¹³

A migração de fiéis para outras denominações nos obriga hoje a refletir a perda da relevância eclesial para esses migrantes. Será que se tornaram presa fácil na troca da verdadeira atratividade do Evangelho, que é Jesus crucificado e ressuscitado, por uma atratividade alienada e baseada em *marketing*, eventos espetaculares e promessas de prosperidade? Não ignoramos que, nessas migrações religiosas, há também respostas para uma busca sincera, as quais os migrantes não encontraram na Igreja Católica.¹⁴ Mas, diante dos perigos de um fundamentalismo militante, de “uma alegre irresponsabilidade”¹⁵ e de uma intolerância crescente, de um devocionalismo descompromissado com a realidade, de uma diluição dos verdadeiros problemas sociais em uma filosofia interclassista, o DAp purifica certo imaginário idílico que se expressa em linguagens pré-modernas, atitudes infantis e zelos proselitistas. Aparecida aponta para uma devoção mariana enraizada

9 Os verbetes “Maria” e “Missão” em: SUESS, Paulo. *Dicionário de Aparecida: 42 palavras-chave para uma leitura pastoral do Documento de Aparecida*, 3ª ed. São Paulo: Paulus, 2010.

10 DAp, n. 159.

11 DCE, n. 41; DAp, n. 27.

12 DAp, n. 268.

13 Ibidem, n. 272.

14 A grande transformação no campo religioso brasileiro, Cadernos IHU (Instituto Humanitas Unisinos) em formação, VIII n. 43, 2012.

15 FRANCISCO. Carta Encíclica *Laudato Si'* (LS). Documentos Pontifícios 22. Brasília: Edições CNBB, 2015, n. 59.

na encarnação da Palavra de Deus em nosso mundo e em nossas realidades. Falar da proximidade entre Maria e Missão significa falar da encarnação e tratar a vida cotidiana como ela é. Significa falar do trabalho e de uma pesca frustrada, falar de barro e cantar a glória de Deus em uma vida de simplicidade. A Nossa Senhora (silenciosamente) Aparecida é três em uma: Nossa Senhora da Encarnação/Inculturação, Nossa Senhora do Encontro e Nossa Senhora da Missão. Nessa perspectiva, o DAp é enfático e lapidar quando declara: “Maria é a grande missionária, continuadora da missão de seu Filho e formadora de missionários. Ela, da mesma forma como deu à luz o Salvador do mundo, trouxe o Evangelho à nossa América”.¹⁶

O que na fé dos cristãos aconteceu em Belém, onde Jesus nasceu fisicamente, quando Maria, “a testemunha fiel”¹⁷ do Verbo, deu “à luz o Salvador”, foi posteriormente assumido por amplas correntes do cristianismo em metáforas. Aí “dar à luz ao Salvador” significa radiação da Boa-Nova, anunciar o Salvador à humanidade e iluminar o mundo, através desse anúncio e as exigências de sua prática. As atitudes históricas de Maria de Nazaré (Anunciação), de Belém (Nascimento) e Jerusalém (Páscoa) assumidas pelos discípulos serviram como exemplo para configurar Maria como “continuadora da missão” e “formadora de missionários”.¹⁸ Mais tarde, a comunidade cristã acrescentou outros aspectos a uma incipiente teologia da missão entre Páscoa e Pentecostes, por exemplo, a possibilidade do martírio. Na Ladainha Lauretana, uma síntese medieval de devoções marianas, Maria é invocada não somente como Rainha dos anjos, patriarcas, profetas e apóstolos, mas também como Rainha dos mártires.

Maria como “auxílio dos cristãos” e “continuadora da missão” não significa um intervencionismo na obra da evangelização, mas uma presença operante do imaginário mariano na memória e na história do cristianismo. Sem escrúpulos doutrinários, Ruiz de Montoya pondera: “Não sem bom fundamento dizem os médicos que a imaginação produz a causa – ‘*imaginatio facit causam*’”,¹⁹ e Romano Guardini explica para os contemporâneos de hoje: “Isso não quer dizer que se trate de algo meramente subjetivo; de sentimento, imaginação, desejo. Trata-se de fato de algo objetivo. De um acontecimento na realidade do mundo”.²⁰ Esta objetividade do imaginário é cultural e historicamente moldada, portanto, é de uma grande variedade,

16 DAp, n. 269.

17 ANCHIETA, *O poema*, l.c., p. 322.

18 Idem.

19 MONTTOYA, *Conquista espiritual*, 188.

20 GUARDINI, Romano. *Wunder und Zeichen*. Würzburg, Werkbund, 1959, p. 10.

que é a condição da inculturação do Evangelho. E essa inculturação não é obra de um agente externo, digamos, de um missionário que chega de uma outra cultura. Também a piedade e diferentes práticas devocionais marianas não são resultado de aparições ou intervenções externas de uma Maria celeste que rompe com sua intervenção, revestida com as prerrogativas de “mãe de Deus”, a distância entre transcendência e realidade histórica, desfazendo silêncios de Deus. As diferentes devoções, aparições e “aparecidas” são resultado de inculturações e apropriações feitas pelos povos e grupos sociais tendo por base suas culturas, compreensões e momentos históricos de sua vida. Encarnação, inculturação e intervenção milagrosa não significam abolição da transcendência. As duas naturezas de Jesus, a divina e a humana, segundo a definição do Concílio de Calcedônia (451), não se confundem nem se separam, mas se comunicam: “Eis o mistério da fé”.

3. A Aparecida na roda com outras Madonas Negras

Na liberdade e diversidade da assunção dos mistérios da fé, que se manifestam em torno das devoções marianas, nos confrontamos com um dado intrigante: Nossa Senhora Aparecida, cuja negritude foi interpretada como apoio à causa dos escravos e resgate de sua dignidade, é apenas uma entre muitas Madonas Negras ao redor do mundo, portanto, independentemente de contextos de escravidão, geografia, história, cultura e situação social dos respectivos povos ou grupos humanos. Só para dar alguns exemplos, encontramos madonas negras ou morenas na Colômbia (“Virgem da Candelária”) em Cuba (“Virgem da Caridade do Cobre”), na Espanha (“Virgem de Montserrat”), em Portugal (“Nossa Senhora de Nazaré”), na Suíça (Maria Einsiedeln), na França (Chartres), na Bolívia (“Virgem de Copacabana”) e no México (“Nossa Senhora de Guadalupe”). Até hoje não se conseguiu construir um denominador comum para explicar essa negritude.

No Brasil, o rosto negro da imagem da Aparecida, como no México, a imagem da mãe morena de Guadalupe, parecia mais fácil de ser contextualizada e revestida de uma áurea de resistência contra a escravidão dos deportados da África e pela libertação dos índios do jugo da colonização. Mas, na maioria dos mais de 400 lugares onde se encontram Madonas Negras no mundo, não se conhecia escravidão nem havia autóctones reprimidos que se poderiam identificar com a imagem e a aparição de Nossa Senhora em favor de sua causa. Os mais diversos segmentos de uma sociedade conseguiram fazer com que as imagens negras correspondessem às suas necessidades psicossociais. Pesquisadores informam que, no decorrer do tempo, também na estátua da Aparecida pode-se observar um processo

de africanização ou enegrecimento.²¹ Também a identificação da Aparecida com a “mãe negra”, símbolo da ama de leite negra, cujo monumento se encontra no Largo do Paissandu, em São Paulo, não procede. Pela proximidade com a Virgem Imaculada, a iconografia mostra a Aparecida sempre sem criança, como de fato foi encontrada no Rio Paraíba.²²

Por um lado, em termos pastorais, podemos falar de uma inculturação em duas direções: a imagem se inculturou no ambiente, onde ela foi encontrada, e o imaginário do povo soube interpretar a imagem segundo suas disposições e necessidades psicossociais. Essa aproximação bidirecional do encontro permitiu comunicação nas orações e afinidade nas emoções. Por outro lado, não só o significado da negritude das Madonas Negras, como também as raízes, os diferentes elementos e circunstâncias que produziram seu surgimento não podem ser generalizados, embora possam ter semelhanças nas diferentes narrativas que nos falam de suas origens.

Em alguns casos, arqueólogos e antropólogos afirmam com certa segurança que as Madonas Negras estão diretamente ligadas a antigas deusas pagãs: Ísis, Cibele, Ártemis, Perséfone, Débora, Diana e tantas outras. No Santuário de Loreto, essa hipótese é aceitável, mas ainda não dispomos de uma explicação universal para o fenômeno das Madonas Negras, que deveria remontar não só à era do paganismo que precedeu ao cristianismo, mas também à era do paganismo que ainda não alcançamos com a nossa documentação. A quem foram dedicados os cultos que precederam Cibele, Ártemis e Perséfone?

Erich Neumann, em sua obra monumental intitulada *A Grande Mãe*, deu uma contribuição fundamental para nos aproximar ao fenômeno das Madonas Negras a partir da psicologia profunda. Mas, em seu conjunto, o imaginário e seu impacto sobre a realidade social ainda representa uma terra incógnita. E nessa terra incógnita, provavelmente, aguardam-nos ainda infinitas surpresas antropológicas, psicológicas e teológicas.²³ A afirmação de que as Madonas Negras são representantes simbólicas de deusas lunares arquetípicas em lugares (fontes, covas, montanhas) que radiam forças curativas explica parcialmente a sua existência através de séculos e milênios. Mas o fato de que essas Madonas Negras e, em particular, “nossa Aparecida”, também possam ser representantes simbólicas da “*madre tierra*” – da própria terra, que é um ser vivo que nos

21 SANTOS, Lourival dos. *História oral de vida de devotos da padroeira negra do Brasil: radicalização de um catolicismo afro-brasileiro*. In: Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, julho 2011.

22 Para a história da “Mãe Negra” e sua manipulação ideológica e política em São Paulo: LOPES, Maria Aparecida de Oliveira. *As representações sociais da mãe negra na cidade de São Paulo*. Em: UNESP – FCLAs – CEDAP, v.3, n.2, 2007, 132-154.

23 ARAÚJO, Alberto Filipe; BAPTISTA, Fernando Paulo (coord.). *Variações sobre o imaginário: Domínios, teorizações, práticas hermenêuticas*. Lisboa: Instituto Piaget, 2003.

alimenta e emana energias curativas, energias telúricas, foi até agora somente refletido na Teologia Índia. Seguramente, um dia a geobiologia vai ser uma disciplina da nossa Teologia Fundamental. Essa reflexão não nos leva fora da curva da mariologia clássica, pelo contrário a Aparecida, pela sua origem histórica e teológica, é, ao mesmo tempo, Nossa Senhora Imaculada, branca e celeste, e Nossa Senhora Aparecida, negra e terrestre. É, também, segundo a Ladainha Lauretana, “rainha elevada ao céu” e “consoladora dos aflitos” na terra. A Aparecida nos lembra do nosso “compromisso com a realidade”²⁴ e nos “ajuda a manter vivas as atitudes de atenção, de serviço, de entrega e de gratuidade”, indicando, assim, “qual é a pedagogia para que os pobres, em cada comunidade cristã, sintam-se como em casa”.²⁵

As perguntas abertas sobre a origem e o significado das Madonas Negras não anulam explicações com as quais até hoje somos familiarizados, mas procuram ampliar esses significados e apontar para suas raízes profundas e horizontes diferentes. Até agora, nem a hermenêutica afirmativa de movimentos negros, nem a hermenêutica de suspeita da psicologia profunda alcançaram ou ultrapassaram a linha do realismo fantástico. Um bom exemplo desse realismo são os eventos que cercam o Santuário de Loreto.

4. A Santa Casa de Nazaré e a Madona Negra de Loreto

A infância de Jesus e sua vida caseira com seus pais, Maria e José, compõem, historicamente, o último texto escrito que entrou nos Evangelhos. O primeiro anúncio, que está na origem da radiação do cristianismo, era o querigma sobre a morte e ressurreição de Jesus. As narrativas extracanônicas, que cercam a vida na casa da Sagrada Família, mesclam dados históricos com lendas piedosas que em cada geração encontram leitores devotos.

Uma das primeiras dessas devoções articula o Oriente com o Ocidente, a casa da Sagrada Família de Jesus, na Palestina, com o Império Romano e com devoções marianas da Idade Média. Pelo “Édito de Milão”, de 313, em consequência de uma vitória milagrosa contra seu adversário Magêncio, Constantino, o Imperador Romano, declarou o cristianismo religião lícita ao lado das outras religiões do Império. Era o fim da clandestinidade dos cultos cristãos nas catacumbas. Já no final do século IV, em 380, pelo “Édito de Tessalônica”, o Imperador Teodósio declarou o cristianismo religião de estado, proibiu os cultos dos pagãos e mandou fechar seus templos.

24 DAp, n. 491.

25 Ibidem, n. 272.

Com o “Edito de Milão” (313), a mãe do Imperador Constantino, Helena, convertida ao cristianismo, tornou-se sua fervorosa adepta. Já com idade avançada, viajou à Terra Santa onde seu nome é mencionado em relatos sobre a construção de Igrejas em lugares sagrados. Também a descoberta da cruz de Jesus, da vera cruz, é atribuída à sua presença na Terra Santa. Em Nazaré, Helena mandou construir uma igreja sobre a casa venerada como casa da Sagrada Família de Nazaré. Para os cristãos, essa casa era um lugar de grande estima pelos mistérios que acompanharam a Encarnação do Verbo de Deus, a infância e a adolescência de Jesus. Afinal, era considerada também a casa de Joaquim e Ana, pais da mãe de Jesus, e do nascimento de Maria. Sob aquele teto, Jesus cresceu “em sabedoria, tamanho e graça diante de Deus e dos homens” (Lc 2,52).

No século XIII, os sarracenos arrasaram a igreja construída por iniciativa de Santa Helena. Segundo a crença do povo, em 1291, a casa da Sagrada Família foi milagrosamente transportada do Oriente para o Ocidente. Anjos teriam levado essa casa para a colina de Tersatto, na Croácia, de onde, após alguns anos, desapareceu. Novamente, teria sido levada por anjos para a Itália, e depois de algumas estações intermediárias, em 1294, chegou ao lugar onde ainda hoje se encontra, cercado por loureiros, motivo pelo qual foi chamado de Loreto.

Na Santa Casa de Loreto, até hoje se venera a estátua de uma Madona Negra, cujo estilo artístico aponta para sua origem em Tersatto (Croácia), o que explica que a narrativa milagrosa sobre a transferência da Santa Casa, de Nazaré para Loreto, conta com uma estação intermediária na Croácia. Trata-se, portanto, da narrativa de um realismo fantástico, da construção histórica de fatos historicamente não explicáveis, mas necessários para sustentar, no caso de Loreto, a negritude da escultura da Santa de Loreto.

Sabe-se hoje que, no lugar onde se encontra atualmente a Casa Santa de Loreto com a imagem negra de Tersatto, antigamente foi venerada Ísis, uma deusa mãe da mitologia egípcia, cuja adoração se estendeu por todas as partes do mundo greco-romano. Com as proibições do “Édito de Tessalônica” (380), muitos dos significados das antigas venerações pagãs foram “batizados” e incorporados ao cristianismo, outros foram extintos. Pode-se proibir cultos e fechar templos, mas o imaginário reprimido encontra em novos cultos lícitos “ganchos” para sobreviver.

Nos cultos pagãos, Ísis foi venerada como modelo de mãe, amiga de escravos, pescadores, artesãos e oprimidos. É a deusa da simplicidade e protetora dos mortos, das crianças, da maternidade e da fertilidade, esposa e irmã de Osíris e mãe de Hórus, que se tornou senhor do mundo dos vivos. Os primeiros registros escritos sobre o culto de Ísis surgiram pouco antes de 2400 a.C.

No culto de Ísis como “deusa do universo”, em Cartago, também chamada “*Virgo Caelestis*”, consolidou-se a veneração da deusa lunar feminina, por vezes identificada como Selene.²⁶ Ísis, a deusa lunar, promete a libertação do destino das influências maléficas das estrelas. O iniciado do culto à Ísis é pela bondade da deusa materna libertado das ciladas do destino fatal e terá novamente a lua aos seus pés.²⁷ Nos cultos a Ísis, surgiram orações e ladainhas dirigidas a ela. Esse culto matriarcal atravessou o período helenístico (Sec. III e II a.C.) e o Império Romano, até o Édito de Teodósio (380 d.C.). Pela Ladainha Lauretana, essas invocações atravessaram a linha divisória entre paganismo e cristianismo (aretologias). Os Santos Padres se apropriaram em sua literatura da teologia subjacente a Ísis lunar, virgem celeste e mãe, e a aplicaram à Igreja e a Maria, como mãe da Igreja. A Virgo Maria e a Virgo Ecclesia têm a tarefa comum de fazer nascer o Verbo e de encarnar o Corpo de Cristo.²⁸ Salvian de Marseille pondera que o nome de “*Virgo Caelestis*” não caberia a Ísis, “este demônio africano”, mas a ecclesia.²⁹ No decorrer de uma longa história, os mitos que envolvem Ísis passaram por anexos e narrativas novas e alimentaram o imaginário e as analogias da reflexão teológica.

O que nos interessa nesse artigo é apenas que Loreto está, como outros santuários de Madonas Negras, em continuidade com um culto e com partes de um imaginário que envolve uma deusa lunar africana do Egito, cujo culto foi proibido e deixou heranças assumidas na veneração de Nossa Senhora do Loreto.

Em seguida, Loreto tornou-se um dos santuários mais frequentados de peregrinação da Europa na fé daquela que até hoje sustenta casas, mas não as transporta mais de um lugar para outro. Hoje, a facilidade de fotografar inibe narrativas exageradas desse realismo fantástico, mas, pela força do imaginário e da fé dos crentes, continuam a acontecer milagres e curas maravilhosas atribuídas àquela “ouvidoria” benfazeja, que dá ao fiel a certeza de ter sido ouvido por seu santo ou pelo próprio Deus.

Por suas estruturas e raízes arquetípicas, muitos santuários de Nossa Senhora são atraídos por massas de peregrinos. Respondem às suas angústias e esperanças, seus processos internos de cura e sofrimento, de pedir e agradecer a instâncias superiores. Mas as imagens atraentes são, por sua vez,

26 RAHNER, Hugo. *Symbole der Kirche. Die Ekklesiologie der Väter*, Salzburg, Otto Müller, 1964, p. 102s. No Rodapé 29, o A. indica muitos dados bibliográficos.

27 Ibidem, p. 166.

28 Ibidem, p. 211.

29 Ibidem, p. 102.

peregrinos e migrantes como Nossa Senhora do Loreto nos mostrou. No início, estava a Santa Casa sem a tradição de uma imagem. Na segunda estação, em Tersatto, na Croácia, a casa começa a ser habitada por uma imagem de cor escura da região. Em sua estação final, na Itália, a casa cede seu encanto à imagem de Nossa Senhora do Loreto. Na modernidade, o imaginário possível e documentado não sustenta mais o imaginário de transferências milagrosas de casas. Milagres necessitam de uma plausibilidade psicológica, cultural e histórica. Depois do silêncio de Deus em Auschwitz e em outras tragédias humanas, não nos é mais possível acreditar que este Deus intervém robustamente para salvar a casa de sua infância em Nazaré, e permanece inativo onde sua imagem, o ser humano vivo, é trucidada.

Também sem “realismo fantástico”, mas na base de uma “crônica maravilhosa”, o mito de origem que envolve Ísis e Loreto é suficiente para explicar a força milagrosa da presença de Nossa Senhora do Loreto. Sua devoção, acompanhada por milagres, imagens e estátuas, difundiu-se por todos os países da Europa. No Brasil, a santa do Loreto, que era negra, em sua primeira paróquia de Jacarepaguá, bairro do Rio de Janeiro, chegou branca e continua até hoje como tal. Em uma planície, chamada “Planície dos Onze Engenheiros”, em 1664, foi construída a primeira Igreja dedicada a ela, portanto, mais de 50 anos antes da pesca milagrosa de Aparecida. O menino Jesus da Santa de Jacarepaguá (RJ) carrega na mão um globo, símbolo da missão até os confins da terra.

Hoje, a Igreja de Jacarepaguá, em memória da narrativa sobre a transferência fantástica da casa de Nazaré pelos anjos, é Santuário Nacional da Aviação Civil e Militar do Brasil. Mas, não só no Brasil. Nilza Botelho Megale informa: “Devido à milagrosa transladação aérea da residência de Nazaré, feita pelos anjos, Nossa Senhora de Loreto é considerada a Padroeira dos Aviadores em todos os países católicos”.³⁰

5. Itinerário aberto

A devoção da Nossa Senhora da Conceição Aparecida nasceu da metamorfose da devoção primordial a Nossa Senhora da Imaculada Conceição. Devotos de São Francisco e adeptos da escola franciscana de Duns Escoto (1266-1308) trouxeram a imagem de uma virgem branca, considerada “cheia de graça” e “concebida sem pecado original”, em uma das naus de Pedro Álvares Cabral de Portugal ao Brasil. Mas ficou reservado a Martim Afonso de Souza, cuja esquadra partiu, em 1530, com cinco embarcações e

30 MEGALE, Nilza Botelho. *Invocações*, 266.

400 colonos e tripulantes para colonizar o Brasil, dedicar a primeira igreja, em Itanhaém, no litoral paulista, a Nossa Senhora da Conceição. A partir da segunda metade do século XVII, seu culto, festejado no dia 8 de dezembro, tinha se tornado oficial em todo o território lusitano e suas colônias.

Ancestralidade silenciosa e transformação cultural marcam a transformação da Imaculada em Aparecida. Se no evento de Aparecida não ocorreu propriamente uma aparição de Nossa Senhora nem uma mensagem aos pescadores nem a indicação de um lugar no rio ou milagres imediatos – quais são então o mistério, a mensagem e o benefício de Aparecida que atraem multidões de peregrinos?

O mistério maravilhoso da Aparecida está no encontro e no realismo que não procura, prioritariamente, intervenções sobrenaturais para afastar o sofrimento, mas que faz que se assuma sofrimento em uma atitude sobrenatural. Nossa Senhora da Conceição Aparecida se deixou encontrar nas águas de um rio e poderia ser chamada de Nossa Senhora do Encontro. No silêncio das águas do rio, ela ouve o clamor do povo, faz-se cativa dos pobres e assume, em um processo de enegrecimento, a cor da pele escura e negra do povo. Na sua permanência por 15 anos na casa desse povo, faz-se hóspede, incultura-se no jeito de gente simples e se faz “nossa”.

A construção de uma catedral, o manto azul com as bandeiras do Brasil e do Vaticano, a coroa de ouro e outros adereços não foram pedidos de Nossa Senhora. São adornos simbólicos comparáveis aos presentes dos “magos vindos do Oriente” ao presépio do Menino Jesus (Mt 2,11), cujo ouro apontava à realeza, seu incenso à divindade e sua mirra à humanidade do Recém-Nascido. A Catedral de Aparecida é casa de oração e de encontro com os peregrinos. O manto de azul anil, hoje anualmente bordado pelas Irmãs Carmelitas, é o orgulho da mulher do povo que se reconhece na beleza da mãe de Deus. E a coroa de ouro foi doada no dia 8 de dezembro de 1868, por ocasião da peregrinação da Princesa Isabel à Aparecida. A imagem foi coroada por ocasião do cinquentenário da declaração do dogma da Imaculada Conceição, em 8 de setembro de 1904. A coroa é adorno da Rainha da Paz, que na Ladainha Lauretana é a última das 12 invocações de Maria como Rainha. Para o povo, a Rainha de Aparecida tornou-se uma instância de apelação, advogada nossa em proximidade com o Espírito Santo (Jo 14,26;15,26). Ela ajusta as contas quando as instâncias humanas de justiça demoram, e as da sorte falham.

Hoje, o povo incorporou a Aparecida em seu imaginário religioso e milagroso como instrumento de sua resistência e sobrevivência. Pobres e ricos peregrinam anualmente em caravanas crescentes para Aparecida agradecendo graças recebidas que interromperam o sofrimento do desemprego e a monotonia de

trabalhos pesados na lavoura ou na fábrica. Na passagem pelo Rio Paraíba do Sul e pela casa dos pobres, Nossa Senhora Aparecida se tornou nossa, nas rezas, na intimidade das dores e nos sustos da vida, sempre “nossa”! Os pobres, sem pistolão por perto nos meandros da vida pública e com o recurso de sua fé, sentem-se atraídos pela “Cidinha”, que é sua, pela cor, pelo tamanho de dois palmos de mão e pela simplicidade de sua mensagem silenciosa que dispensa hermenêuticas autoritárias. O imaginário da Aparecida não desconsidera os conflitos reais do povo, mas os faz suportáveis e superáveis.

Como esse imaginário vai atravessar a modernidade e responder à pós-modernidade não o sabemos. Sabemos, porém, que não somente a idade média ou a pré-modernidade, mas também a modernidade e a pós-modernidade criaram lixões de alienação e sofrimento, sem solução. A fé não antecipa ou fecha a história com soluções de felicidade. Ela ajuda a mantê-la aberta na esperança dos pequenos. A Aparecida é negra, pequena, silenciosa e, ao mesmo tempo, poderosa. Seu poder místico pode ser transformado em esperança histórica e ação política. A iconografia nos mostra a promessa de sua imagem: é possível esmagar a cabeça da serpente (Gn 3,15; Ap 12,1-6).

Questões:

1. Em que sentido podemos dizer que Nossa Senhora Aparecida é uma Nossa Senhora Imaculada da Conceição inculturada?
2. O que significa para o trabalho missionário a transformação da “Virgem Maria” a serviço da Conquista (“Nossa Senhora da Vitória”) para a Maria a serviço do povo simples e das causas do Reino?
3. Qual é a mensagem que podemos escutar nos silêncios de Nossa Senhora Aparecida?
4. Como os peregrinos de Aparecida se sentem atendidos e em que sentido podemos falar de milagres através de Nossa Senhora Aparecida?

Via Pulchritudinis: Via para a Vida Religiosa Consagrada

GIOVANNI CIPRIANI

É bom que toda a catequese preste uma especial atenção à “via da beleza (*Via Pulchritudinis*)”. Anunciar Cristo significa mostrar que crer n’Ele e segui-Lo não é algo apenas verdadeiro e justo, mas também belo, capaz de cumular a vida de um novo esplendor e de uma alegria profunda, mesmo no meio das provações. Se nós, como diz Santo Agostinho, não amamos senão o que é belo, o Filho feito homem, revelação da beleza infinita, é sumamente amável e atrai-nos para Si com laços de amor. Por isso, torna-se necessário que a formação na via pulchritudinis esteja inserida na transmissão da fé.

A *Via Pulchritudinis* (via da beleza) é também a via para viver com alegria e maturidade a própria consagração religiosa e para apresentar aos(às) jovens que é “belo” ser religioso(a).

Parece-me que na pastoral vocacional e na formação à Vida Religiosa Consagrada esteja faltando a “beleza”.

A Beleza de Jesus na Cruz

Santo Agostinho acha belo, misteriosamente belo, Jesus na cruz, no qual humanamente não há beleza alguma!¹

É o paradoxo da beleza. Como pode a beleza de Jesus confrontar-se com as atrocidades da cruz? Mas, é próprio na atrocidade inaudita da cruz, em que seu corpo “aparece aos olhos humanos, desfigurado e sem beleza, a

1 SANTO AGOSTINHO. *Enarrationes in Psalmos*, n. 44, 3.

ponto de obrigar os espectadores a desviar o rosto” (Is 53,2-3), que Jesus brilha com uma extraordinária beleza.

“Beleza” é uma palavra que na antiguidade expressava um significado fundamental. No mundo grego, *kalós* significava, ao mesmo tempo, bonito e bom, em uma inseparabilidade entre ética e estética. Para o mundo hebraico, a palavra *tov* apontava beleza estética e à bondade moral.

Assim, surge um novo conceito de beleza: a beleza que expressa a natureza ética da vida e que passa a ser entendida como plenitude de significado, como amor que se doa sem reservas.

Essa beleza em Jesus na cruz alcança sua dimensão mais profunda: a beleza do amor. É a beleza mesma de Deus, que é “beleza infinita”.²

Na cruz, o amor é doado “até o fim”. Por isso, Jesus na cruz é ‘belo’, no seu rosto brilha a beleza verdadeira, a beleza do amor não atingido pela sombra do egoísmo.

Fixando o olhar no Crucificado, aprendemos que o amor é a verdadeira beleza da vida. Aprendemos que é da alma bela que parte a beleza do corpo! Aprendemos que a “beleza não está no rosto, a beleza é uma luz no coração”.³

Jesus era belo por dentro, era belo em seus sentimentos, era belo em cada gesto: na chamada dos primeiros discípulos, na acolhida das crianças e dos pecadores, no “lava pés”, no olhar para Pedro que o renegou, para Judas que o traiu. Era belo quando deixava tudo para se encontrar com o Pai na oração.

A Beleza da Vida Religiosa Consagrada

A Vida Religiosa Consagrada é “bela” porque ela é “um dos rostos concretos que a Trindade deixa na história, para que os homens e mulheres possam sentir o encanto e a saudade da beleza divina”.

É “bela” porque ela tem a “missão de indicar o Filho de Deus feito homem como o esplendor perante o qual qualquer outra luz empalidece, a beleza infinita, a única que pode saciar totalmente o coração do homem”.

É “bela” porque ela recebe força e “inspiração da Cruz, da contemplação do Crucificado” e, a exemplo de Cristo na Cruz, é uma vida de total doação a Deus e ao povo de Deus.

A Vida Religiosa Consagrada é “bela”, pois tem a “função de tornar de algum modo presente a forma de vida que Jesus escolheu”. Ela é “réplica”,

2 SANTO AGOSTINHO. *Confissões*, X, 27; VC, 16.

3 K. Gibran, *O Profeta*.

uma transparente imagem de Jesus que se despojou de tudo e assumiu a nossa humanidade. Ela é um reflexo da beleza de Cristo na cruz.

Quanta “beleza” do Crucificado brilha no rosto de tantos religiosos e religiosas. Lembro-me de um meu irmão passionista, que carinhosamente chamávamos de Pe. Fernandinho, que, com a sua “Pepinela” (uma jumenta), passou evangelizando os vilarejos de Barra São Francisco e Colatina e, velhinho, sempre “inventava” algo para ajudar as crianças e as famílias pobres. E o povo falava: “como é bonito este velhinho!”, “que coração bonito ele tem!”

Hoje, eu me pergunto: onde havia mais beleza, no corpo de uma jovem modelo em um desfile de moda, ou no rosto cansado e cheio de rugas deste velhinho?

Aí está o desafio.

Esse velhinho enrugado ensina que a “beleza não está no rosto, a beleza é uma luz no coração”.⁴ E é essa a “beleza que salva o mundo”.⁵

A “beleza” dos religiosos e religiosas é uma beleza que humaniza, torna a pessoa “bela” e se torna “processo de humanização”, no sentido do que promove o humano, sua dignidade e seus valores.

O Papa Francisco, falando às Superiores gerais, apresenta o lado humanizante da beleza da Vida Religiosa Consagrada expressa pelos votos.

A obediência, “como escuta da vontade de Deus, na moção interior do Espírito Santo autenticada pela Igreja”, aceitando que essa “passe também por meio das mediações humanas”.

A pobreza, “como superação de todo egoísmo na lógica do Evangelho, que ensina a confiar na Providência de Deus”, e “como indicações a toda a Igreja de que não somos nós que construímos o Reino de Deus, não são os meios humanos que o fazem crescer, mas é primariamente o poder, a graça do Senhor, que obra por meio da nossa fraqueza”.

A castidade, insistindo sobre a importância da maternidade da Vida Religiosa Consagrada, da fecundidade. “Que a alegria da fecundidade espiritual anime a vossa existência; sejam mãe, como figura de Maria Mãe e da Igreja Mãe. Não é possível compreender Maria sem a sua maternidade; não é possível compreender a Igreja sem a sua maternidade. E vós sois o ícone de Maria e da Igreja”.

Sendo a Vida Religiosa Consagrada uma “beleza” humanizante, ela se torna também uma profecia vivida mediante os votos, que é a característica própria da Vida Religiosa Consagrada.

4 Idem.

5 F. Dostoiévski. *O Idiota*.

A formação à Vida Religiosa Consagrada é “bela”; é uma beleza exaltante e, ao mesmo tempo, fadigosa. É exaltante, pois ela me obriga a tomar posição, a fazer escolhas a partir dela, escolhas não delegáveis a outros. Uma beleza que me provoca e me toca profundamente, e não me deixa continuar a viver como antes. Uma beleza que se descobre à medida que é traduzida em existência, no dia a dia e em escolhas existenciais e coerentes.

É fadigosa, porque não é algo automático, que se consegue de modo espontâneo; ao contrário, supõe um caminho de purificação e de renúncia a outras belezas inferiores para lograr a capacidade e a sensibilidade humana de percebê-la e dela gostar.

É fruto de um caminho ascético. Nada vem sem esforço e sem luta.

É enganosa uma formação que acentua, em modo unilateral, os aspetos positivos e agradáveis do processo formativo e da Vida Religiosa Consagrada.

Em uma época que tende a reduzir, em toda parte, a fadiga e acreditar que tudo pode ser alcançado sem esforço, nós estaremos enganando os jovens se lhe fizermos acreditar que, se tornar religioso é, em última análise, fácil.

Não está fora de lugar recordar uma verdade muito antiga e sempre atual e que pode ser descrita mais ou menos assim: o crescimento e amadurecimento como pessoas exigem sempre a disponibilidade e a capacidade de renúncia. Trata-se de atitude que pode levar vários nomes, dependendo das diferentes perspectivas: mortificação, frustração, sacrifício, ascese, autodomínio, combate espiritual, luta etc.

A formação é verdadeira e bela quando é apostadora e desafiadora, pois a vida é preciosa demais para gastá-la por pouco!

A Beleza da Pastoral Vocacional

A pastoral vocacional é bela porque o(a) orientador(a) vocacional é uma pessoa “bela”, realizada, encantadora. Ele(a) é feliz porque se sente realizado(a) em viver a beleza do projeto de Deus. Ele(a) vive a alegria de estar respondendo ao chamado de Deus, doando-se totalmente a Ele no serviço aos mais pobres e necessitados.

O acompanhamento vocacional é belo porque é um itinerário de busca da beleza e de formação para perceber seus sinais e se sintonizar com a beleza absoluta que é Deus.

Um(a) vocacionado(a) é sempre um(a) jovem “tocado pela beleza”, mas não somente pela beleza divina, que atrai a si e fascina como ponto de chegada, mas também pela beleza do caminho de sua busca, de suas etapas, até de suas fadigas, porque é belo buscar e é feliz aquele que se põe na busca do Senhor. É interessante que no Salmo 104 se diga que a alegria e a beleza estão na busca, e não somente em encontrar o Senhor, como seria mais lógico e espontâneo pensar: “alegre-se o coração dos que buscam o Senhor” (v. 3).

A pastoral vocacional é “bela” porque o(a) orientador(a) vocacional, quando fala da Vida Religiosa Consagrada, ele(a) encanta. Ele(a) é uma pessoa “bela”, por isso ele(a) fala da beleza da Vida Religiosa Consagrada como fala um místico ou um contemplativo, um esteta ou um artista!

Ninguém resiste à sua “beleza”.

A pastoral vocacional é “bela” porque o(a) orientador(a) vocacional sabe que, como escreve o poeta Mario Quintana, “o segredo não é correr atrás das borboletas. É cuidar do jardim para que elas venham”.⁶

O segredo é cuidar da “beleza” da própria vocação e da “beleza” da vida de comunidade para que outros(as) jovens possam ser atraídos(as).

6 QUINTANA, Mário. *Poesias: Aprenda a gostar de você*.

Indígenas na vida religiosa consagrada: quem nós somos?

No sonho de Deus encontramos no chão da amazônia

PE. JUSTINO SARMENTO REZENDE¹

Iniciando a conversa

O presente artigo visa contribuir com as reflexões sobre o caminho vocacional de jovens indígenas que ingressaram na Vida Religiosa Consagrada nas diversas congregações e institutos religiosos. Para nós, indígenas, é importante acreditar que existimos e temos como contribuir com a Vida Religiosa Consagrada (VRC) com nossos saberes. As perguntas que continuamente se fazem presentes na minha história são: como nós, indígenas, estamos construindo a VRC? Como nós estamos vivendo a nossa vida indígena, vida cristã e VRC?

Eu sou um indígena do povo *Utãpinopona* (Tuyuka), por isso, os contextos históricos, lugares antropológicos e teológicos que me inspiram a escrever é a região do Rio Uaupés/AM; são as vidas e as histórias dos povos indígenas; presença dos salesianos e salesianas, que há mais de cem anos (1915-2015) chegaram entre nós; vida cristã que assumimos e vivemos; o surgimento das vocações para a VRC e Sacerdotal entre nós, indígenas. Os referenciais teóricos e práticos são a minha pertença ao povo indígena, minha pertença a uma Congregação Religiosa, minhas histórias de vida sacerdotal, conhecimentos dos povos indígenas e não indígenas; contatos com conceitos antropológicos e teológicos; cinquenta e dois anos de vida.

¹ justinosdb@yahoo.com.br

1. Nós nascemos indígenas

Para nós, indígenas, nossa existência humana começa dentro de uma família e na comunidade indígena. Para outros indígenas começa também em outros espaços (cidades). Nós, indígenas, nascemos de uma relação de amor de nossos pais. O ventre materno é o primeiro espaço de nossa vida. Nesse espaço sagrado permanecemos e crescemos durante vários meses, enquanto o Ser Divino-Artesão tece cada parte de nosso ser com carinho, paciência, amor. É Ele que forma a nossa originalidade, individualidade e especificidade. Após o tempo necessário de permanência no ventre materno, nós nascemos, deixando nosso primeiro espaço vital para vivermos no mundo maior.

2. Tornamo-nos cristãos

Após nove dias do meu nascimento, os meus pais levaram-me à Igreja para eu ser batizado. Assim aconteceu novo nascimento, tornei-me filho de Deus, irmão de todos os batizados, consagrado, ungido para ser discípulo de Jesus.

As famílias cristãs e os membros da comunidade nos educam, ensinam, mostram e acompanham em nosso processo de iniciação à vida cristã. Vendendo nossos pais rezando, aprendemos a rezar; vendo-os cantar, aprendemos a cantar; vendo-os fazer silêncio, aprendemos a ficar em silêncio. A nossa vida cristã é uma construção histórica feita por pessoas humanas. A nossa vocação cristã nasceu e se fortaleceu ali, com nossos pais e parentes.

3. Nascimento de nossa vocação à Vida Religiosa Consagrada e Sacerdotal

Em diferentes ambientes religiosos-cristãos, sentimos desabrochar “nosso querer ser padre; querer ser religioso, religiosa”. Tal desejo surge de nossa convivência com as pessoas que vivem essas vocações. Em nossas culturas indígenas, antes da chegada dos missionários, não conhecíamos religiosos consagrados como se entende na Igreja.

Algum dia, algum padre, religioso, religiosa disseram-nos que nós, indígenas, poderíamos chegar a ser religioso (irmão, irmã, padre). Essas ideias, em nossas mentes e em nos nossos corações, mexeram com os nossos sentimentos.

A nossa presença nos centros vocacionais tornava-se desafio para os formadores, que não conheciam bem os indígenas nem nossas culturas. Por isso, eles tiveram de estudar as culturas indígenas para nos entender, e outros nem se esforçavam para nos entender como indígenas. Eram orientados pelos critérios comuns à formação, vindos dos centros da congregação. Não faltou

também formador com mais sensibilidade, que era paciente, respeitava nosso ritmo de abertura vocacional, ajudava a criar confiança, proporcionava a perda do medo, etc. Formadores com esse perfil nos encorajam, motivam, ajudam a aprofundar e a fortalecer a nossa caminhada vocacional. Nós, indígenas, quando entramos nos seminários, levamos nossas estruturas humanas indígenas, religiosas, novas crenças.

Acredito que muitas congregações religiosas apostam que os indígenas têm capacidade e qualidade para contribuírem com a VRC e com o Sacerdócio. Sem dúvida, nós trazemos muitos conhecimentos de nossas culturas, valores, saberes. Também carregamos limitações e fraquezas. Com nossas escolhas e decisões de entrarmos na VRC, nós não criamos uma ruptura com os esquemas tradicionais de nossas culturas, mas aprendemos a acolher e sermos acolhidos pela nova cultura de VRC.

4. A formação de indígenas à Vida Religiosa Consagrada e Sacerdotal

Para nós, indígenas, sonhar com o caminho vocacional foi uma aspiração muito bonita, sonhamos sendo religiosos, padres. Quando chegamos às comunidades formativas distantes de nossos familiares e longe de nossas terras de origem, sentimos muitas dificuldades. Havíamos nos afastado de nossos pais, nossas comunidades, amigos e amigas. Sentíamos saudades e às vezes chorávamos. Outras vezes, nos sentimos impotentes perante as dificuldades e exigências do processo formativo. Diversas vezes pensamos em desistir da caminhada da VRC e Sacerdotal.

Mas é também nos momentos de dificuldades que entramos no íntimo de nossas vidas, em nossos corações e ouvimos uma voz forte e suave, voz motivadora que nos diz: siga em frente, você vai conseguir! A VRC não é para quem quer nem para quem pode. Ela é para quem recebeu essa vocação e procura responder e corresponder, superar as dificuldades e ir criando certa serenidade e paz na construção da VRC.

Ao entrarmos nos centros vocacionais, nós encontramos comunidades religiosas com estruturas boas. Essas mesmas estruturas tornam-se nossas dificuldades: vida comunitária, horários, pontualidades, disciplinas, vida de oração, regras de casa, limpeza. Passamos pelos momentos chamados “choques culturais”, “estranhamentos”. Para nós é um mundo novo! Ficamos mudos, calados, sem ação, nos aborrecemos, ficamos com raiva. Pouco a pouco nos adaptamos, vencemos os medos, criamos coragem, nos desarmamos de nossos preconceitos, etc. Alguns superam com pouco tempo, outros demoram ultrapassar essa fase. Esses choques e estranhamentos acontecem com pessoa de qualquer idade, independentemente do grau de formação. Acontece assim porque é encontro com culturas e pessoas diferentes.

Quando não conseguimos vencer as dificuldades ao longo de nossas vidas, gastamos muitas energias protegendo nossos medos, inseguranças, problemas emocionais e afetivo-sexuais, etc. Muitas vezes já pensei comigo mesmo: se tivéssemos mais coragem de decidir, seríamos religiosos hoje? Será que estamos em nosso lugar mesmo? Será que não estamos com medo de tomar uma decisão por outro estilo de vida?

As reflexões desse tipo avançaram muito na atualidade. Os formadores e formandos, em alguns lugares, possuem um quadro de profissionais: psicólogos, orientadores vocacionais, diretores espirituais. Existem técnicas especializadas para o acompanhamento da caminhada vocacional. Apesar de tudo isso, diversos tabus continuam bem fortes. A vocação que um dia recebemos como dom de Deus torna-se um complicador em nossa história. O Deus que nos deu a vocação não complica com a nossa vocação e com nossa vida. Ele é bondoso conosco. Nossos irmãos religiosos também são bons.

Mas, o que é vocação? Fazendo uma leitura antropológica do seguimento de uma vocação, eu diria que é uma construção histórica, construção de uma nova identidade, novas práticas culturais. Ter vocação não é como alguém carregar um objeto debaixo do braço, trazer algo nas mãos e dizer “eu tenho este material”. Nós precisamos de pessoas, de formadores com seus sentidos apurados e aguçados para nos entender e acompanhar nossa vida vocacional. O acompanhamento vocacional é um trabalho delicado da comunidade religiosa educativa. Há necessidade contínua de decodificar as linguagens vocacionais, juntos, formadores e formandos, irmãos maiores e menores, etc.

Para se chegar a uma abertura serena e legal do religioso e da religiosa, deve existir um ambiente humano maduro, também da parte dos formadores, ou seja, os formadores devem estar bem como pessoas, religiosas e sacerdotes. O bom estado de saúde mental, física, emocional, espiritual do formador contribui muito na formação de religiosos. Apesar de nossas fragilidades humanas, Deus é que faz milagres na vida dos religiosos e religiosas, dando-lhes o dom da perseverança.

Cada religioso e cada religiosa possui suas próprias histórias bonitas, dificuldades, superação, etc. Na atualidade, em muitas congregações, há o trabalho de promoção vocacional dos indígenas, acolhem e depositam confiança. Apesar dos esforços, nós, indígenas, somos poucos ainda dentro das congregações religiosas.

5. Indígenas religiosos(as) e suas culturas

Para nós, indígenas, as raízes que dão sustentabilidade à nossa existência são as nossas histórias, tradições, costumes, conhecimentos, benzimentos, trabalhos, etc. Nós, indígenas religiosos e religiosas, precisamos visitar e revisitar o lugar onde o nosso umbigo está enterrado, isto é, onde nós nascemos. Ali estão as nossas raízes humanas e vocacionais. Foi lá que Deus nos olhou com

carinho, nos amou e nos convidou para que O seguíssemos. Por isso, nossas comunidades são lugares onde o Divino enamorou-se por nós, falando-nos no fundo do coração e aos pés de nossos ouvidos. Ouvindo a voz divina, saboreávamos sem muitas interferências humanas.

Para nós, indígenas religiosos e religiosas, é importante retornar aos nossos lugares de origem. Lá bebemos as realidades de nossas culturas, nossas riquezas, convivemos com os nossos parentes que vão e vem das roças todos os dias; que comem a quinhapira (cozido de peixe e caldo de pimenta) e beiju; que tomam mingau e chibé. Lá podemos sentar no final do dia com os nossos parentes, andar pelas casas e olhá-los com amor de um religioso. Lá podemos ir à roça com nossa família. Podemos tomar banho com nossos sobrinhos e sobrinhas. Lá devemos deixar que os nossos parentes nos olhem, toquem, conversem conosco. Por outra parte, é importante, na medida do possível, visitar os lugares onde viveram os nossos fundadores. Ao fazermos essas experiências, sentimo-nos pequenos diante da grandeza de nossos santos fundadores. A nossa indianidade sente-se tocada. Sentimo-nos limitados, mas também nos sentimos cheios de qualidades e com nossos sonhos. É diferente estudar os ideais de nossos fundadores através de livros e bibliografias do que pisar com os nossos pés, olhar com os nossos olhos, sentir com o nosso coração.

6. Espiritualidades indígenas

Nós, indígenas religiosos e religiosas, segundo os rituais da Igreja, devemos saber que cada povo indígena possui seus próprios modos de relacionar-se com o Deus da vida (Deuses das vidas).

Deus da vida é conhecido com diversos nomes e imagens diferentes. Porém, é o mesmo e único Deus da vida. Cada povo explica para seus filhos e netos essa relação com Deus. Cada povo indígena transmite sua experiência de Deus com explicações próprias. Cada povo tem sua própria experiência, história e vivência religiosa de estar envolvido pelas mãos de Deus, na sua presença divina. Cada povo se sente guiado por Deus na sua história: salvação, libertação dos fatos de dominação, luta contra o poder do mal.

Para os povos indígenas, Deus está presente na criação. A criação é a manifestação da ação de Deus. Cada comunidade indígena vive sua própria relação com Deus, porque a experiência de vida é própria e única. A natureza “é a nossa casa e é a própria casa de Deus”. O Deus providente cuida da pessoa, e a pessoa ajuda a cuidar da criação de Deus. Por isso, dizemos que cada povo cria e recria, constrói e reconstrói seus próprios conteúdos e práticas culturais religiosas. De maneira geral, esses conteúdos estão presentes nos mitos, lendas, histórias, ritos, etc. Neles, encontra-se a história sagrada de cada povo. Essas histórias sagradas são transmitidas pelos anciãos da comunidade e conservadas pelos membros da comunidade.

As teologias indígenas passam pela retomada das religiosidades indígenas. Da mesma forma que não existe uma única teologia da Igreja cristã, assim também entre os povos indígenas existem muitas teologias e espiritualidades. Com todas elas, nós, indígenas, devemos estabelecer diálogos maduros. Estes diálogos podem favorecer a construção de instrumentos universais e sínteses de todas as religiões das culturas indígenas: construção da vida, qualidade de vida, bem-estar. Assim chegaremos a compreender e vivenciar a figura de um Deus universal.

Festas são expressões simbólicas e a leitura dos acontecimentos. Percebemos o projeto de Deus no seu processo de fazer-se Deus. Relacionamo-nos com os antepassados. Conversamos com os parentes que já morreram e os invocamos. O espírito dos antepassados está sempre presente na vida do povo. A escuta aos sábios cultiva os valores mais fundamentais da vida. Importância da festa: todo acontecimento da vida é motivo da celebração.

Quando nós, indígenas, entramos na VRC nós sabíamos que a nossa vida indígena sofreria mudanças profundas (conversão). Através das diferentes etapas formativas, nós estamos sendo moldados para atingir aquele perfil desejado pelos nossos Institutos. Aqui é que nós, indígenas, resistimos silenciosamente. Penso que não se trata de nos revoltarmos contra as regras de VRC que abraçamos livremente, mas, nós, indígenas, podemos, com paciência e criatividade, enriquecer a VRC com os dons que Deus nos deu como indígenas.

A partir desta vida é que podemos falar de amor, que é uma linguagem de irmãos. Lembremos que a cultura está sempre em movimento. Lembremos sempre que a verdade de Deus está uma parte nas instituições religiosas e outra parte na cultura de cada povo.

7. Espiritualidades cristãs e congregacionais

Nós, indígenas religiosos e religiosas, devemos tirar forças bebendo nas fontes de nossas espiritualidades indígenas. As nossas identidades, nossas espiritualidades e teologias são bem dinâmicas. Para nós, indígenas religiosos e religiosas, nossas espiritualidades indígenas são enriquecidas pelas teologias, espiritualidades e práticas de vida cristãs. O inverso é correto também, isto é, nossas teologias e espiritualidades indígenas acolhem e enriquecem as teologias, espiritualidades e práticas de vida cristã. Estas realidades foram denominadas pela Igreja de inculturação do Evangelho, inculturação da mensagem cristã, das práticas de vida.

As nossas identidades e diferenças indígenas são produtos de processos contínuos de construção de nossas histórias. Os diversos espaços culturais que nos envolvem são espaços híbridos e de mestiçagem. Nós estamos continuamente dentro das diversidades culturais (multiculturalidade). Para nós, indígenas religiosos e religiosas, a compreensão da existência multicultural deve nos levar a construir instrumentos de interação com os diferentes povos e suas culturas (interculturalidade).

Nós, indígenas, temos possibilidades de refletir e recriar as identidades religiosas cristãs, identidades congregacionais. Essas possibilidades são denominadas por nossos superiores gerais de inculturação do carisma.

Se nós, indígenas religiosos e religiosas, não aprofundarmos nossas identidades congregacionais e seus desafios para atuais contextos culturais, contextos juvenis, familiares, nós não teremos respostas mais próximas para os desafios atuais. Sabemos que nos contextos históricos indígenas circulam muitas ideologias, filosofias, sociologias, antropologias que influenciam fortemente a vida das pessoas: ateísmo, indiferença, prazer pelo prazer, afastamento das práticas de vida cristã, etc. Todos procuram arrebanhar muitas pessoas atrás de suas ideologias e novas filosofias de vida. E nós também estamos no meio nas disputas do mesmo público. Muitas vezes, os nossos instrumentos de convencimentos são frágeis.

Concluindo a conversa

Muitos temas poderiam ter sido aprofundados, pesquisados, rezados, acolhidos por nós. Mas as histórias são dinâmicas. Nós não somos seres acabados, completos. Os povos indígenas continuarão existindo e cada vez mais com outras mentalidades, outras práticas de vida, outras crenças, outros conceitos. E nós, indígenas religiosos e religiosas, devemos acompanhar esse ritmo de crescimento de nossos parentes indígenas.

Continuarão surgindo vocações indígenas. Nós, de mais caminhada, precisamos estar bem para poder ajudá-los. Eles olham para nós como aqueles que os podem ajudar. Dificuldades continuarão surgindo. É necessário que tenhamos humildade necessária para procurar orientações, acompanhamentos e ultrapassar nossas dificuldades. Agradeçamos a Deus, fonte da nossa vocação. Com Ele, nós vamos continuar na VRC, no trabalho com a juventude em todo lugar onde nós formos destinados(as).

Questões:

1. Quais são as experiências positivas que podem ser partilhadas com outras pessoas?
2. Como está sendo minha experiência de Deus nesses anos de Vida Religiosa Consagrada?
3. Como eu consegui superar as dificuldades que apareceram no caminho da minha Vida Religiosa Consagrada?

Sociedades de Vida Apostólica – trajetória, espírito e testemunho

VINÍCIUS AUGUSTO RIBEIRO TEIXEIRA, C.M.¹

Todos, certamente, já ouviram falar das Sociedades de Vida Apostólica (SVA), mas nem todos sabem dizer o que representam e por que existem na Igreja. A elas, o Código de Direito Canônico de 1983 dedica uma seção especial da Parte III do Livro II (Do povo de Deus),² começando por esta definição: “Dos Institutos de Vida Consagrada, aproximam-se as SVA, cujos membros, sem os votos religiosos, buscam a finalidade apostólica própria da Sociedade e, levando vida fraterna em comum, segundo o modo próprio de vida, tendem à perfeição da caridade pela observância das Constituições”.³ Não obstante a variedade de modalidades, a singular figura canônica das SVA⁴ – preconizadas no Código de 1917 como Sociedades de Vida Comum sem votos – caracteriza-se substancialmente pela ênfase na finalidade apostólica, assumida em comunidade fraterna, como caminho de santificação, segundo o estabelecido nas Constituições. Distinguem-se dos Institutos Religiosos por não professarem votos públicos, não se confundem com Institutos Seculares porque incluem a vida comunitária e diferem das associações clericais porque, orientadas à perfeição da caridade, não se restringem a uma função operativa.⁵ O fim

1 Presbítero da Congregação da Missão (Vicentinos ou Lazaristas). @: viniciusaugustocm@gmail.com.

2 Esta seção compreende os cânones 731-746.

3 *Codex Iuri Canonici – Código de Direito Canônico* (CIC). Brasília: Edições CNBB, 2013, n. 731.

4 Como assinala o canonista Padre Miguel Pérez Flores, CM, as SVA foram, paulatinamente, abrindo seu caminho no âmbito da legislação eclesial até conseguir uma configuração canônica aceitável, o que não quer dizer que todas as questões estejam suficientemente resolvidas (cf. La Congregación de la Misión, ejemplo de Sociedad de Vida Apostólica. *Vincentiana*, Roma, nn. 194-195, julio|octubre 1994, p. 234).

5 HORTAL, Jesús. Nota correspondente ao cânone 731. *Código de Direito Canônico*. Tradução da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. São Paulo: Loyola, 2001.

apostólico determinado pelas Constituições é o que regula e direciona a índole de cada Sociedade, inspirando as dimensões constitutivas de sua identidade.

Pela proximidade das SVA com a Vida Consagrada (VC),⁶ acreditamos ser oportuno refletir aqui sobre sua pouco conhecida identidade. Neste artigo, começaremos fazendo memória do percurso histórico que desembocou na atual formulação canônica (1). Em seguida, consideraremos os fundamentos teológicos que sedimentam sua mística (2). Por fim, teremos presentes as tarefas que qualificam e irradiam a profecia das SVA na Igreja (3).

1. Memória: percurso histórico

Não é fácil traçar o percurso histórico das SVA.⁷ Enquanto Sociedades de Vida Comum sem votos, na perspectiva do Código de 1917, seus antecedentes se reportam ao século IV, quando Santo Eusébio (315-371), Bispo de Vercelli, reuniu em comunidade um grupo de padres seculares, todos submetidos a uma regra de vida. Outros bispos seguiram a trilha, como por exemplo, Santo Agostinho (354-430), São Fulgêncio de Ruspe (460-533) e São Gregório Magno (+604), dentre outros. Na mesma esteira, poderiam ser colocados os Cônegos Seculares da França do séc. IX, os Terciários Franciscanos e Dominicanos do séc. XIII, as Beguinhas Belgas do mesmo séc. XIII, os Irmãos e Irmãs da Vida Comum (Holanda, séc. XIV), as Oblatas Beneditinas de Santa Francisca Romana (séc. XV), os Oblatos fundados por São Carlos Borromeu em Milão (séc. XVI). Destes grupos precursores, os que não se enquadraram nos moldes estabelecidos para a VC terminaram desaparecendo pouco a pouco.

No horizonte da definição de SVA fornecida pelo Código de 1983, parece mais acertado situar suas origens nas comunidades clericais nascidas a partir do século XVI, na Itália e na França. Neste caso, a primeira experiência seria a do Oratório fundado em Roma por São Felipe Neri (1515-1595) e aprovado pelo Papa Gregório XIII em 15 de julho de 1575.⁸ Na França, os estudiosos distin-

6 A seção correspondente às SVA se reporta várias vezes à legislação dos Institutos de VC, o que de modo algum implica assimilação de uma forma de vida pela outra. Tal procedimento se justifica pela semelhança existente sob certos aspectos e pela tentativa de evitar repetições dentro do Código (cf. BONFILS, Jean. *Les Sociétés de Vie Apostolique: identité et législation*. Paris: Du Cerf, 1990, p. 59-64).

7 Este breve percurso histórico baseia-se nas informações contidas em: BONFILS. *Les Sociétés de Vie Apostolique: identité et législation*, p. 16-25.

8 Será oportuno ter presente esta breve descrição da originalidade do Oratório de São Felipe Neri, egrégio iniciador do que hoje denominamos SVA: “*Se entre os homens de Deus e de seu tempo, Felipe Neri apresenta conotações totalmente originais, tanto no contexto quanto no concerto das instituições dele nascidas, as de seu tempo e as do nosso, é reconhecível uma nota singular. Ao longo de todo processo de restauração que se estava operando na Igreja, a parte de Felipe foi, indubitavelmente, aquela de modelar e propor – com sua esplêndida vida e através do exemplo de sua pequena família presbiteral – a simples figura do padre secular em sua originária e genuína expressão. Intuíram-no, entre outros, grandes homens do ‘grande século’: o Cardeal Pierre de Bérulle, São Francisco de Sales, o bispo Bénigne Bossuet. Segundo a linha espiritual traçada pelo Padre (Felipe Neri), o carisma da Congregação filipina do Oratório, na multiforme vitalidade da Igreja, estriba-se em sua constante fidelidade ao autêntico sacerdócio de Jesus Cristo, sinceramente entendido e vivido*” (CISTELLINI, Antonio. *San Filippo Neri. Breve storia di una grande vita*. 3 ed. Milano: San Paolo, 2014, p. 97).

guem duas correntes: uma se enraíza na chamada Escola Francesa de Espiritualidade (séc. XVII):⁹ o Oratório de Jesus (1611), de Pierre de Bérulle; a Congregação da Missão (1625), de São Vicente de Paulo (+1660); a Companhia dos Padres de São Sulpício (1645), de Jean-Jacques Olier (1608-1657); e a Congregação de Jesus e Maria (1643), de São João Eudes (1601-1680). A segunda corrente se desenvolveu a partir da tradição missionária do Seminário da capital francesa, do qual nasceu a Sociedade das Missões Estrangeiras de Paris, fundada em 1660. Desde as origens até os nossos dias, tais Comunidades se definem por forte acento sacerdotal e/ou missionário, exercendo ministérios os mais diversos e atuando em paróquias, seminários, escolas, missões estrangeiras e populares, etc. No que diz respeito às Sociedades femininas, o mérito da iniciativa se deve sobretudo a São Vicente de Paulo e a Santa Luísa de Marillac (1591-1660), com a inovadora fundação da Companhia das Filhas da Caridade (1633), totalmente voltada para o serviço de Cristo aos pobres, cuja aprovação exigiu de seus fundadores ingentes esforços, vigoroso espírito de fé e heroica persistência.¹⁰

A bem da verdade, as restrições impostas às fundações femininas despontaram desde o século XIII, no contexto do florescimento das Ordens mendicantes. No ano de 1298, o Papa Bonifácio VIII estendeu a clausura a todas as comunidades. As chamadas Segundas Ordens, tanto a franciscana quanto a dominicana, por exemplo, desde o começo tiveram que se manter na observância do claustro. Mulheres desejosas de maior empenho apostólico formaram as Ordens Terceiras, podendo, assim, atuar em diferentes frentes caritativas. Poucos séculos depois, apareceram no cenário eclesial iniciativas revolucionárias, que ensejavam uma VC mais flexível em relação às estruturas da época e mais livre para diferentes serviços de promoção humana e evangelização. Tais iniciativas foram protagonizadas por místicas da têmpera de Santa Ângela Merici (1474-1540), fundadora das Ursulinas, e de Mary Ward (1585-1645), fundadora da Congregação de Jesus. No auge da reforma empreendida a partir do Concílio de Trento (1545-1563), as comunidades femininas foram tenazmente tuteladas e compelidas a um processo de privação apostólica e conventualização. Trento não admitia outro tipo de fundação a não ser ordem religiosa ou sociedade secular.¹¹

9 Um dos estudos mais substanciosos sobre esta Escola é o de DEVILLE, Raymond. *L'École française de spiritualité*. Paris: Desclée de Brouwer, 2008.

10 VERNASCHI, Alberto. *Per chiostro le vie della città: la identità di ieri e di sempre delle Figlie della Carità*. Roma: Vincenziane, 2001. Comenta a propósito este autor: “Quando São Vicente de Paulo e Santa Luísa de Marillac se descobriram como instrumentos do Espírito para a fundação das Filhas da Caridade tinham todas as razões para insistir em seu caráter não religioso, secular e laical. Configurá-las como ‘religiosas’ equivaleria a não realizar o projeto de Deus. De fato, segundo a mentalidade daquele tempo, não se podia pensar na Vida Religiosa feminina sem o elemento da clausura. Os documentos diziam claramente. Os intentos de abrir as portas do apostolado à Vida Religiosa feminina tinham fracassado regularmente ou tinham conseguido resultados somente parciais” (p. 99).

11 CODINA, Vítor; ZEVALLOS, Noé. *Vida Religiosa: história e teologia*. Petrópolis: Vozes, 1987, p. 49.52-54.

Com o correr dos anos, foram surgindo outros(as) fundadores(as) que, em fidelidade ao carisma recebido do Espírito Santo, intuía a necessidade de comunidades mais livremente dedicadas ao apostolado, sem prescindir da fecundidade espiritual, da solidez intelectual e da busca contínua da santidade. O exemplo de São Vicente fala por si mesmo. Ao fundar a Congregação da Missão e, com Santa Luísa, a Companhia das Filhas da Caridade, quis preservá-las dos aparatos jurídicos que vigoravam entre os religiosos(as), por receio de que a rigidez de tais estruturas representassem um obstáculo à mobilidade e à flexibilidade exigida pela caridade missionária junto aos pobres. Contudo, ambos os fundadores jamais perderam de vista a convicção de que os Missionários e as Irmãs estivessem empenhados na assimilação das virtudes que definem o espírito de suas Comunidades e na vivência dos conselhos evangélicos de castidade, pobreza e obediência. E tudo isso para seguir de perto a Jesus Cristo, revestidos de seu espírito, evangelizando e servindo os pobres. São Vicente transmitiu essa sua convicção de muitas maneiras.¹² A seus padres e irmãos, recordou:

Dos religiosos se diz que se encontram em um estado de perfeição. Nós não somos religiosos, mas podemos dizer que nos encontramos em um estado de caridade, pois estamos constantemente entregues à prática real do amor ou nesta disposição. Ó Salvador, como sou feliz por permanecer em um estado de amor ao próximo, em um estado que vos fala por si mesmo. Rogo-vos e apresento-vos, incessantemente, o que faço em seu favor! Dai-me a graça de conhecer minha felicidade e amar profundamente esse bem-aventurado estado.¹³

Dirigindo-se a uma Filha da Caridade, assegurou o fundador: “Vossa Companhia não é uma religião, nem vossa casa um hospital donde não se pode sair, mas uma sociedade de moças que vão e vem continuamente para assistir os pobres enfermos, em diversos lugares e em horários definidos, faça o tempo que fizer” (SV VII, 49).¹⁴

Nos séculos que se seguiram a Trento, surgiram outras fundações com imposição nitidamente apostólica. Mas as intervenções sofridas e as adequações a que foram obrigadas nem sempre lhes possibilitaram concretizar as intuições originais de seus fundadores(as), particularmente no que concerne à missão, motivo pelo qual algumas destas não são hoje identificadas como SVA.¹⁵ Outras, não sem

12 Ver PÉREZ-FLORES, Miguel; ORCAJO, Antonino. *El camino de San Vicente es nuestro camino*. Salamanca: CEME, 1985, p. 91-93.

13 Conferência sobre a Caridade, de 30 de maio de 1659. In: COSTE, Pierre (org.). *Saint Vincent de Paul: correspondance, entretiens, documents*. Paris: Lecoffre|Gabalda, 1924. Tome XII: Entretiens aux Missionnaires II, p. 275.

14 Carta à superiora das Filhas da Caridade de Saint-Fargeau, de janeiro de 1658. In: COSTE, Pierre (org.). *Saint Vincent de Paul: correspondance, entretiens, documents*. Paris: Lecoffre|Gabalda, 1922. Tome VII: Correspondance (décembre 1657 – juin 1659), p. 49.

15 “Todas as mudanças que a Cúria Romana fez em relação às ‘comunidades seculares’ foram na direção de torná-las canonicamente religiosas. Foi o que sucedeu com a Constituição *Conditae a Christo*, de Leão XIII (1900). A maior parte das Congregações seculares então existentes passou a ser canonicamente religiosa”. Algumas, porém, fizeram a exceção, por desejarem a todo custo ser fieis a seus respectivos fundadores (PÉREZ-FLORES. *La Congregación de la Misión, ejemplo de Sociedad de Vida Apostólica*, p. 235).

sacrifícios, conseguiram se consolidar na fidelidade à inspiração primeira. É o caso das Sociedades surgidas no século XIX: Sociedade do Apostolado Católico (Roma, 1835), de São Vicente Palotti (1795-1850); Missionários do Preciosíssimo Sangue (Úmbria, 1815), de São Gaspar Del Búfalo (1786-1837); Sociedade dos Padres Missionários de São Paulo Apóstolo (Nova York, 1859), do Padre Isaac Thomas Hecker (1819-1888). O Código de 1917 deu um passo a mais no reconhecimento da especificidade do que hoje chamamos SVA, mas não conseguiu superar ambiguidades e tendências que remavam na direção contrária. A categoria Sociedades de Vida Comum sem votos não abarcava a variada gama de modelos existentes, como por exemplo, as Sociedades que, desde as origens, emitiam votos, dando-lhes, porém, uma configuração distinta. Assim, persistia a prática do enquadramento religioso, com interpretações genéricas e aplicações sumárias dos cânones tradicionais. Com argúcia, Pérez-Flores observa que a maioria dos canonistas ignorava o Direito Próprio e as peculiaridades carismáticas das Sociedades, limitando-se a semelhanças mais ou menos reais com os Institutos Religiosos e deixando-se guiar “mais pelas aparências externas do que pelos conteúdos teológicos e canônicos próprios das Comunidades de vida comum sem votos. Era mais fácil aplicar o comum que respeitar o particular”.¹⁶ Muitas Sociedades, por sua vez, pouco contribuíam para a salvaguarda de seu gênero específico de vida, introjetando mentalidades, costumes e práticas que as nivelavam aos Institutos Religiosos e não colocavam em relevo os aspectos que deveriam vertebrá-las. Em geral, ainda hoje, duas tendências se afirmam como forças contrapostas entre as SVA: a conventual, à qual acabamos de acenar, mais recorrente até meados do século XX, e a secularista, que, no afã de arrojar o apostolado inserido no mundo, termina deixando na sombra o cultivo da vida espiritual, o papel da comunidade fraterna e o valor da tradição.¹⁷ Encontrar o justo equilíbrio, ou seja, resistir ao “descontrole dos extremos”, continua sendo o dilema de todos os tempos.

Outras 15 SVA foram fundadas depois da segunda metade do século XIX, a partir do modelo da Sociedade das Missões Estrangeiras de Paris. Em 1988, com a entrada em vigor da Constituição Pastor Bonus, essas fundações foram colocadas sob os auspícios da Congregação para a Evangelização dos Povos.¹⁸

O Concílio Vaticano II (1962-1965), em seu vigoroso intento de renovação eclesial, permitiu à VC e a seus pares respirar ares novos, a partir do retorno às

16 PÉREZ-FLORES. La Congregación de la Misión, ejemplo de Sociedad de Vida Apostólica, p. 236.

17 “Os tempos atuais são propícios ao descontrolo dos extremos que se traduzem seja por uma espécie de pietismo fundamentalista, seja por um secularismo mais ou menos confessado e manifestado de formas muito diversas” (BONFILS. *Les Sociétés de Vie Apostolique*: identité et législation, p. 39).

18 JOÃO PAULO II. Constituição *Pastor Bonus* (PB), 90, 2.

fontes do Evangelho e dos fundadores(as), em atenção aos sinais dos tempos.¹⁹ Nos documentos conciliares, encontramos apenas duas ligeiras referências às SVA, ambas inseridas no panorama global da VC.²⁰ Com efeito, também seus membros “pelos votos ou por outros compromissos sagrados a eles semelhantes, com os quais se obriga aos três mencionados conselhos evangélicos, entregam-se totalmente ao serviço de Deus sumamente amado, de maneira que, por um título novo e especial, ficam destinados ao serviço do Senhor”.²¹

Em vista da composição do Código de 1983, foi criada, em 1970, uma comissão de Superiores Gerais das até então chamadas Sociedades de Vida Comum sem votos.²² Este grupo seletivo ofereceu à comissão de redação do novo Código os elementos que seus membros consideravam mais substanciais à natureza das Sociedades. Em 1977, saiu um primeiro esquema, totalmente rechaçado logo depois. Mais tarde, formou-se uma subcomissão de peritos para ajudar os redatores dessa parte do Código. O resultado foi a síntese de que hoje dispomos no Direito Canônico, particularmente o cânone 731, que recolhe os principais traços da fisionomia das SVA, sejam elas clericais ou leigas.

Atualmente, em toda a Igreja, são 38 SVA de direito pontifício, sendo 27 masculinas e 11 femininas. Existem muitas Sociedades de direito diocesano, fundadas em distintos países, totalizando, possivelmente, mais de uma centena, com um número aproximado de 10 mil membros, entre clérigos, leigos e leigas.²³

2. MÍSTICA: fundamentos teológicos

As SVA não se esgotam em uma figura canônica. Constituem também uma categoria teológica, que traz em si o mistério de uma vocação, uma forma específica de viver o Batismo, seguindo Jesus Cristo e servindo ao Reino, na comunhão da Igreja, mediante um carisma dado pelo Espírito, com uma inequívoca orientação missionária. A identidade das SVA se situa na confluência entre a Teologia da VC e a Teologia da Missão, sendo que esta tem a precedência em relação àquela.²⁴ Os membros das SVA tendem à perfeição da ca-

19 CONCÍLIO VATICANO II. Decreto *Perfectae Caritatis* (PC), n. 2. Com efeito, a seção relativa às SVA nos remete ao cân. 578, que diz: “A mente e os objetivos dos fundadores, aprovados pela competente autoridade eclesial, na que se refere à natureza, à finalidade, ao espírito e à índole do Instituto, bem como suas sãs tradições, tudo isso constitui o patrimônio desse Instituto e seja fielmente conservado por todos”.

20 Ibidem, n. 1.

21 CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Dogmática *Lumen Gentium* (LG), n. 44.

22 GUILLON, Clément. Préface. In: BONFILS. *Les Sociétés de Vie Apostolique: identité et législation*, p. 9-11.

23 Todas essas cifras e muitas outras podem ser encontradas em: BONFILS. *Les Sociétés de Vie Apostolique: identité et législation*, p. 139-145.

24 PÉREZ-FLORES. La Congregación de la Misión, ejemplo de Sociedad de Vida Apostólica, p. 238.

ridade, acompanham de perto os passos do Senhor, buscam a glória de Deus e a salvação do gênero humano, não por um empenho ascético de ordem subjetiva, mas pela missão que desempenham no rumo traçado por seu fim apostólico, segundo a especificidade de seus respectivos carismas, delineados pelas Constituições. A emissão dos conselhos evangélicos ou qualquer outro compromisso que lhe seja semelhante está ordenado ao fim que configura sua forma de vida. Para os membros das SVA, este fim, assumido em resposta ao chamado do Senhor, constitui, por assim dizer, seu primeiro caminho de santificação e sua contribuição mais genuína para a edificação do corpo de Cristo que é a Igreja em constante crescimento. A definição dada pelo Código de 1983 põe em relevo quatro elementos essenciais e característicos das SVA:

a. O fim apostólico para o qual cada Sociedade nasceu e foi aprovada pela Igreja, como eixo em torno do qual gravitam todos os outros aspectos de sua identidade (espiritualidade, comunidade, votos, formação, incorporação, dispensa, governo, administração, etc), servindo de critério de discernimento para seus membros e de revisão para seus ministérios e obras. Este fim apostólico é um modo próprio de cooperação na missão da Igreja e de participação na obra salvadora de Cristo, que prolonga em seus discípulos a missão recebida do Pai que o enviou: ser para o mundo um sinal eficaz do amor que se oferece para reconciliar e salvar (Jo 21,21).

b. A vida fraterna em comunidade, como maneira de organizar-se em vista do fim para o qual cada Sociedade foi fundada, dado que um mesmo chamado foi dirigido a todos os seus membros. À semelhança dos Doze, formamos comunidades de discípulos-missionários, reunidos ao redor do único Mestre e por ele enviados como servidores do Reino (Mc 3,13-19). As SVA se empenham em promover e sustentar a fidelidade de seus membros, fornecendo-lhes os meios previstos pelas Constituições para realizar sua finalidade: sólida espiritualidade, cultivada segundo a tradição da Igreja e o patrimônio de cada Sociedade; vida fraterna em comum; sistemática formação inicial e permanente (doutrinal, espiritual e apostólica); experiências ministeriais condizentes com o espírito próprio; uso consciencioso dos bens temporais; e normas orientadoras de seu estilo de vida.²⁵

c. Tender à perfeição da caridade mediante as Constituições, ou seja, buscar a santidade, percorrendo um itinerário espiritual, missionário e comunitário modelado pelo carisma recebido através do(a) fundador(a), captado pelas gerações que o(a) sucedeu e sintetizados em um Direito Próprio devidamente aprovado pela Igreja. Diz, a propósito, o cânone 737: “A incorporação implica, por parte dos membros, as obrigações e direitos

25 Cân. 735-741. Sobre os membros das SVA, ver: BONFILS. *Les Sociétés de Vie Apostolique*: identité et législation, p. 76-83.

determinados nas Constituições e, por parte da Sociedade, o cuidado de levar os membros à finalidade da própria vocação, de acordo com as Constituições”. A finalidade vocacional de cada SVA constitui, pois, aquela maneira peculiar de corresponder ao chamado à santidade que o Senhor faz a todos mediante o Batismo (Mt 5,48; Rm 1,7; 1Pe 1,15-16).²⁶

d. As SVA não fazem votos religiosos. Quando os conselhos evangélicos de castidade, pobreza e obediência são assumidos (não professados) mediante um vínculo específico, podendo ser votos ou não, estes se ordenam à razão de ser daquela Sociedade, ou seja, a seu fim apostólico, confirmando e ratificando a pertença e o compromisso de seus membros, a fim de torná-los aptos ao seguimento de Jesus Cristo, de acordo com as Constituições. Tal pertença e compromisso têm seu ponto de partida na admissão de cada indivíduo e, portanto, antecedem a emissão dos votos, quando estes são assumidos. Os votos não são religiosos, porque não reconhecidos canonicamente segundo as leis comuns, como acontece com os votos públicos, recebidos por um superior legítimo em nome da Igreja (cf. cân. 1192 §1).²⁷ São as Constituições e as tradições de cada Sociedade que articulam a natureza, o conteúdo e as outras circunstâncias referentes aos votos ou a qualquer vínculo, como constata e assegura o parágrafo 2 do cânone 731: “Há Sociedades cujos membros assumem os conselhos evangélicos por meio de algum vínculo determinado pelas Constituições”.

Embora normalmente submetida à autoridade do Papa²⁸ e, no que se refere ao culto e ao apostolado, também à autoridade dos bispos das dioceses onde se fazem presentes,²⁹ as SVA gozam de justa autonomia, particularmente no que tange ao governo. Por isso, cada Sociedade possui sua própria disciplina e pode guardar intacto seu patrimônio fundacional e suas genuínas tradições,³⁰ a fim de transmiti-los criativamente às gerações futuras, como uma chama que não se extingue.

26 O Concílio Vaticano II recordou enfaticamente a vocação universal à santidade: “Nos vários gêneros e ocupações da vida, é sempre a mesma santidade que é cultivada por aqueles que são conduzidos pelo Espírito de Deus e, obedientes à voz do Pai, adorando em espírito e verdade a Deus Pai, seguem a Cristo pobre, humilde e levando a cruz, a fim de merecerem ser participantes de sua glória. Cada um, segundo os próprios dons e funções, deve progredir sem desfalecimentos pelo caminho da fé viva, que estimula a esperança e atua pela caridade” (LG, n. 41).

27 Sobre os votos nas SVA, cf. BONFILS. *Les Sociétés de Vie Apostolique: identité et législation*, p. 51-58. Como afirma este perito no assunto: “Uma das diferenças fundamentais entre os Institutos de VC e as SVA que assumem os conselhos evangélicos é a de que os votos não se encontram no mesmo lugar: a partir do momento em que, na vida dos membros de um Instituto de VC, os votos se tornam um meio a serviço de outra coisa, do apostolado por exemplo, creio que se trate muito mais de uma SVA” (p. 54).

28 CIC, n. 590, 2.

29 Ibidem, n. 738, 2.

30 Ibidem, n. 738,1.

A evolução da Teologia da VC, sobretudo depois do Vaticano II, e sua interação com a Teologia da Missão, tornam sempre mais tênue a distinção entre os Institutos de VC e as SVA.³¹ Entre ambos, existem aproximações e distinções. Por exemplo, enquanto princípio, a vida fraterna em comunidade é uma característica comum aos dois,³² mas a compreensão e a aplicação do princípio variam segundo cada categoria. “Os membros [das SVA] devem residir em uma Casa ou Comunidade legitimamente constituída e observar vida comum, de acordo com o Direito Próprio, pelo qual também se regem as ausências de Casa ou da Comunidade”.³³ De maneira semelhante, as SVA de natureza clerical coincidem com o clero secular em alguns aspectos, como no tocante às diretrizes para os estudos e à recepção das ordens sacras,³⁴ mas “o direito próprio deve determinar as diretrizes para a prova e a formação, adaptadas à finalidade e à índole da Sociedade, principalmente para a formação doutrinal, espiritual e apostólica, de modo que os membros, reconhecendo sua vocação divina, sejam devidamente preparados para a missão e a vida da Sociedade”.³⁵ Tanto em relação à VC quanto ao clero secular, é preciso cuidar de não se aproximar excessivamente para não incorrer em uma equação ou fusão, nem se distanciar demais a ponto de criar uma oposição ou resistência. Importa, pois, assegurar a comunhão e a interação, reconhecendo e valorizando a alteridade como dom do Espírito de Cristo (Rm 12,4-5).

Para a maior parte dos estudiosos, no Código de 1983, as SVA encontraram um marco canônico adequado, como Seção II, distinta, portanto, da Seção I (Dos Institutos de VC), da III Parte (Dos Institutos de VC e das SVA), do Livro II (Do Povo de Deus). Não falta, porém, quem afirme que melhor teria sido conceder às SVA uma quarta Parte do Livro II, distinguindo ainda mais claramente as Sociedades dos Institutos de VC, posto que a legislação eclesiástica associa o termo consagração unicamente à profissão dos conselhos evangélicos, mediante um vínculo reconhecido oficialmente pela Igreja, o que, de fato, não coaduna com a natureza das SVA. Do ponto de vista teológico, em alusão ao Batismo, os membros das SVA podem se considerar consagrados a Deus para a missão. Assegurado este eixo, entram os votos como dinamismos espirituais que dispõem e capacitam os membros da Comunidade para a consecução de seu fim apostólico.³⁶ Fica, portanto, o

31 Sobre os desdobramentos pós-conciliares da Teologia da VC, ver: CODINA; ZEVALLOS. *Vida Religiosa: história e teologia*, p. 152-175.

32 CIC, n. 731.

33 Ibidem, n. 740.

34 Ibidem, n. 736.

35 Ibidem, n. 735, §1.

36 Apraz-nos citar aqui o artigo 28 das Constituições da Congregação da Missão, como ilustração de um conveniente direcionamento dos conselhos evangélicos para o fim apostólico que define substancialmente a “consagração” de seus membros: “*Desejando continuar a missão de Cristo, consagramo-nos a evangelizar os pobres, durante toda nossa vida. Para cumprir esta vocação, abraçamos a castidade, a pobreza e a obediência, segundo nossas Constituições e Estatutos*”.

desafio de adaptar-se fiel e criativamente a esse marco canônico que contém e sustém os traços essenciais da fisionomia de toda SVA, a serem realçados com as cores vivas do carisma e da tradição de cada uma.³⁷

3. PROFECIA: tarefas e testemunho das SVA

Em razão de sua própria identidade, as SVA têm muito a oferecer a todo o Povo de Deus, em particular à VC, revitalizando em si mesma e recorrendo às outras vocações específicos valores essenciais da vida cristã, que se mostram mais acentuados em sua maneira própria de encarnar o Evangelho.³⁸ Apresentaremos, a seguir, algumas indicações sumárias, emolduradas pelas intuições do Papa Francisco:

a. O encontro com Jesus Cristo como ponto de partida da experiência cristã. Os fundadores(as) das SVA foram pessoas de profunda identificação com Cristo, que o amaram apaixonadamente e o seguiram com convicção e liberdade. Como São Felipe Neri, demonstravam estar mesmo compenetrados desta verdade insofismável: “Quem quer outra coisa que não seja Cristo, não sabe o que quer; quem pede outra coisa que não seja Cristo, não sabe o que pede; quem não atua por Cristo, não sabe o que faz”.³⁹ Assim, as SVA se fixaram em dimensões basilares da humanidade do Salvador, contemplando-o e imitando-o no amor confiante ao Pai, no discernimento de sua vontade, na integridade pessoal, no anúncio do Reino, na predileção pelos pobres, na solicitude para com os sofredores, na formação de discípulos, na doação total da própria vida. Na contramão da autoreferencialidade que leva as pessoas a fazerem de si mesmas, de suas comodidades e interesses o centro e a meta de suas buscas, esta é a primeira grande contribuição que as SVA podem oferecer à Igreja: reafirmar ou até recuperar a centralidade de Jesus Cristo na vida daqueles que se dispõem a segui-lo. Somente enxertados na videira que é Cristo, poderemos produzir frutos para o bem dos irmãos e a glória de Deus (Jo 15,3.8). Em seu desejo de “indicar caminhos para o percurso da Igreja nos próximos anos”, exorta o Papa Francisco:

Convido todo cristão, em qualquer lugar e situação que se encontre, a renovar hoje mesmo seu encontro pessoal com Jesus Cristo ou, pelo menos, a tomar a decisão de se deixar encontrar por ele, de procurá-lo dia a dia sem cessar. Não há motivo para alguém poder pensar que este convite não lhe diz respeito, já que ‘da alegria trazida

37 PÉREZ-FLORES. La Congregación de la Misión, ejemplo de Sociedad de Vida Apostólica, p. 243-245.

38 Colhemos algumas ideias de: MALONEY, Robert. Conjugar la acción y la contemplación: una clave para entender a Vicente de Paúl. *Vincentiana*, Roma, año 44, n. 2, marzo|abril 2000, p. 175-192.

39 Últimas palavras de São Felipe Neri. In: CISTELLINI. *Filippo Neri: breve storia di una grande vita*, p. 82-83.

pelo Senhor ninguém é excluído'. Quem arrisca, o Senhor não o desilude; e, quando alguém dá um pequeno passo em direção a Jesus, descobre que ele já aguardava de braços abertos sua chegada.⁴⁰

Cristo é o centro, sempre!

b. Uma espiritualidade profunda e dinâmica, que harmonize ação e contemplação, que não se acomode na ilusão do intimismo, nem se dilua na compulsão do ativismo. Uma espiritualidade que aponte o sentido da vida e desponte na entrega de si e na gratuidade do serviço. Uma espiritualidade que se enraíze na oração e frutifique na missão. Os fundadores(as) das SVA foram incansáveis em fazer o bem, impregnados de caridade efetiva, homens e mulheres de geniais iniciativas e grande capacidade de trabalho. Mas foram, ao mesmo tempo, verdadeiros místicos, contemplativos do mistério de Deus, cativados por Cristo, dóceis e disponíveis às moções do Espírito, persistentes na oração, frequentadores da Palavra, enamorados da Eucaristia. Porque rezavam, meditavam, celebravam, tinham o olhar iluminado e o coração abrasado para descobrir o Senhor em tudo o que lhes ocorria, nos encontros e confrontos do cotidiano, particularmente nos pobres, doentes e infelizes. E, em face dos acontecimentos e das pessoas, sabiam pensar, falar e agir com os sentimentos, atitudes e critérios de Cristo Jesus (Fl 2,5). Uma mulher chamada Luísa de Marillac, mística e profetisa da caridade, por seu exemplo e palavra, pode nos ensinar o que significa ser contemplativos na ação e apóstolos na contemplação:

Minha oração foi mais de contemplação que de raciocínio, fortemente atraída pela santa humanidade de Nosso Senhor, com o desejo de honrá-lo e imitá-lo o mais que pudesse na atenção para com os pobres e todos os meus próximos, pois aprendi que ele nos ensinou a caridade para suprir nossa incapacidade de servir à sua pessoa (A. 26).⁴¹

Em tempos de superficialidade e agitação, nada mais salutar do que redescobrir a fecundidade apostólica e o impulso missionário que brotam da oração intensamente vivida. Para “encorajar uma ação evangelizadora mais ardorosa, alegre, generosa, ousada, cheia de amor até o fim e feita de vida contagiante”, o Papa Francisco nos convida a ser evangelizadores abertos à ação do Espírito, “transfigurados pela presença de Deus”:

“Evangelizadores com espírito quer dizer evangelizadores que rezam e trabalham. Do ponto de vista da evangelização, não servem as propostas místicas desprovidas de um vigoroso compromisso social e missionário, nem os discursos e ações sociais e pastorais sem uma espiritualidade que transforme o coração. Estas propostas parciais e desagregadoras alcançam

40 EG, n. 1 e 3.

41 *Écrits spirituels*. Paris: Filles de la Charité, 1983, p. 809.

só pequenos grupos e não têm força de ampla penetração, porque mutilam o Evangelho. É preciso cultivar sempre um espaço interior que dê sentido cristão ao compromisso e à atividade. Sem momentos prolongados de adoração, de encontro orante com a Palavra, de diálogo sincero com o Senhor, as tarefas facilmente se esvaziam de significado, quebrantamo-nos com o cansaço e as dificuldades, e o ardor se apaga. A Igreja não pode dispensar o pulmão da oração (...). Ao mesmo tempo, ‘há que rejeitar a tentação de uma espiritualidade intimista e individualista, que dificilmente coaduna com as exigências da caridade, com a lógica da encarnação’”.⁴² Contemplação e ação harmoniosamente integradas em um mesmo estilo de vida!

c. A missão é nossa vida! As Sociedades estão inteiramente orientadas para seus respectivos fins apostólicos, que comprometem seus membros com os mais variados ministérios e obras (missões, formação, exercícios espirituais, promoção humana, saúde, educação, defesa da criação, etc.). Isso significa que a missão pertence à natureza mais íntima das SVA, configura essencialmente sua identidade. Não é algo isolado, circunstancial, que se realiza por conveniência subjetiva ou por interesse momentâneo. É a vida mesma de seus membros, a razão pela qual se deram a Deus, em resposta a seu chamado, é o modo pelo qual se visibiliza sua vocação específica, a concretização do carisma que o Espírito lhes conferiu. A identificação com a missão, em toda e qualquer circunstância, sobretudo em meio às provações e adversidades, deve nos levar a poder dizer como o apóstolo, ainda que muito mais humildemente:

Em tudo, recomendamos-nos como ministros de Deus, com muita paciência, em tribulações, em necessidades, em angústias, em açoites, em prisões, em tumultos, em fadigas, em insônias, em jejuns, em castidade, em compreensão, em longanimidade, em bondade, no Espírito Santo, em amor sincero, em palavras verdadeiras, no poder de Deus, em armas de justiça, ofensivas e defensivas, em honra e desonra, em má ou boa fama; considerados sedutores, sendo, porém, verazes; como desconhecidos, sendo porém bem conhecidos; como moribundos, embora vivamos; como castigados, mas não mortos; como aflitos, mas sempre alegres; como pobres, mas enriquecendo a muitos; como quem nada possui, mas tendo tudo (2Cor 6,4-10).

A missão se apresenta como uma estrada de santidade, por meio da qual o Senhor vem até nós e pela qual nossa vida se encaminha para o Senhor. Verdadeira fonte de alegria e realização para quem abraça livremente um fim apostólico e a ele dedica o que tem de melhor, ousando na direção de novas fronteiras. E como não lembrar, hoje, as fronteiras que nos levam ao encontro dos refugiados, dos dependentes químicos, das pessoas em

42 EG, n. 261, 259, 262.

situação de rua, dos idosos abandonados e de tantos outros irmãos mais pobres...São Vicente de Paulo dizia a seus Padres e Irmãos:

Se nos perguntassem: “Por que estais na Missão?” Seria preciso reconhecer que foi Deus quem o fez, a fim de trabalharmos: primeiramente, em nossa perfeição; em segundo lugar, na salvação dos pobres; e, em terceiro, a serviço dos padres; e dizer: “Aqui estou para isso”. Ó meus irmãos, que vos parece de tal fim? Poderia Nosso Senhor dar-nos um fim mais santo e mais santificador, mais conforme à sua bondade infinita e mais condizente com sua Providência no cuidado que dispensa em conduzir os homens à salvação?.⁴³

Enquanto membros de SVA, ao revermos, qualificarmos e ampliarmos nosso empenho apostólico, participamos da missão da Igreja e, assim, ajudamos a VC, os ministros ordenados e o laicato a redescobrir e a assumir a vida como missão e a missão como uma vida a ser consumida com zelo e entusiasmo. Com efeito, a vida só amadurece e frutifica, na medida em que se expande e se entrega. E, quanto mais generosa é a sementeira, ainda que banhada de lágrimas, mais promissora será a colheita (Sl 126,6; 2Cor 9,6). Quando nos deparamos com tanta inércia e arrefecimento apostólico, carreirismo e competição, as palavras do Papa Francisco nos servem de encorajamento:

A missão no coração do povo não é uma parte de minha vida, ou um ornamento que posso pôr de lado; não é um apêndice ou um momento entre tantos outros de minha vida. É algo que não posso arrancar de meu ser, se não me quero destruir. Eu sou uma missão nesta terra, e para isso estou neste mundo. É preciso considerarmos-nos como que marcados a fogo por esta missão de iluminar, abençoar, vivificar, levantar, curar, libertar.⁴⁴

A missão é mesmo nossa vida!

d. A identidade das SVA inclui a vida fraterna em comunidade. Não se trata, naturalmente, de uma comunidade conventual, mas, sim, de uma comunidade eminentemente apostólica, voltada para a missão.⁴⁵ Portanto, uma comunidade de estruturas mais flexíveis e ágeis, regidas por um projeto bem fundamentado, de modo a jamais descambar para o relaxamento e dispersão. O carisma missionário que nos foi transmitido é marcadamente comunitário, partilhado por aqueles que receberam de Deus o mesmo chamado e que se devotam ao mesmo fim. Já o célebre Padre de Bérulle, primeiro expoente da Escola Francesa de Espiritualidade, no prefácio do Regulamento escrito para seu Oratório, quis assinalar, com palavras cheias de viço espiritual, o

43 Conferência sobre o fim da Congregação da Missão, de 6 de dezembro de 1658. In: COSTE (org.). *Saint Vincent de Paul: correspondance, entretiens, documents*. Paris: Lecoffre|Gabalda, 1924. Tome XII: Entretiens aux Missionnaires II, p. 75-76.

44 EG, n. 273.

45 Ibidem, n. 740.

papel exercido pela vida em comum na identificação com o sacerdócio de Cristo, adorador do Pai e servo de seu desígnio de amor:

É para receber esse espírito de Jesus Cristo, Nosso Senhor e nosso Sumo Sacerdote, para viver e esperar sob sua conduta em nossos dias, para conservá-la como um sagrado depósito para a posteridade, que estamos reunidos nesta comunidade e nesta forma de vida, aprovada e autorizada pela Igreja. De fato, a vida comum é quase essencial ao estado eclesiástico para aperfeiçoá-lo em si mesmo e em seus exercícios.⁴⁶

A missão é robustecida pela caridade fraterna cultivada entre aqueles que a desempenham. E a caridade se exprime em atitudes de acolhimento, diálogo, cooperação, valorização, correção e perdão (1Cor 13,4-7). Na convivência diária, iluminada pela oração, nossa humanidade é acrisolada, nossas intenções são purificadas e nossos propósitos, amadurecidos. Assim, podemos nos lançar à missão de maneira mais convicta e consistente. A comunidade deve se constituir em apoio e mola propulsora da finalidade que nos identifica. Em tempos de exacerbado subjetivismo, o estilo das SVA recorda que nenhuma comunidade pode viver para si, como se representasse um fim em si mesma. Para ser cristã de fato, a comunidade só pode existir e atuar para o Reino. Aí reside sua identidade mais profunda e sua razão de ser. A advertência é do Papa Francisco:

Hoje, nota-se em muitos agentes pastorais, mesmo pessoas consagradas, uma preocupação exacerbada pelos espaços pessoais de autonomia e relaxamento, que leva a viver os próprios deveres como mero apêndice da vida, como se não fizessem parte da própria identidade. Ao mesmo tempo, a vida espiritual confunde-se com alguns momentos religiosos que proporcionam algum alívio, mas não alimentam o encontro com os outros, o compromisso no mundo, a paixão pela evangelização. Assim, é possível notar em muitos agentes evangelizadores – não obstante rezem – uma acentuação do individualismo, uma crise de identidade e um declínio do fervor. São três males que se alimentam entre si.⁴⁷

Uma comunidade apostólica cresce, aprimora-se e torna-se atrativa na medida em que se lança à missão com generosidade e coragem.

e. As SVA estão inseridas no mundo, atuando a partir de dentro, como sal que dá sabor, luz que ilumina e aquece, fermento que leveda e faz crescer (Mt 5,13-16; 13,31-33). Remetem-nos, assim, às origens da Igreja, quando os cristãos eram descritos como aqueles que “não se diferenciam dos outros homens, nem pela pátria nem pela língua nem por um gênero de vida especial (...). São de carne, porém, não vivem segundo a carne. Moram na terra, mas sua cidade é no céu. Obedecem às leis estabelecidas, mas, com seu gênero de vida, superam as leis (...). Em uma palavra: os cristãos

46 Citado em: BONFILS. *Les Sociétés de Vie Apostolique*: identité et législation, p. 149.

47 EG, n. 78.

são no mundo o que a alma é no corpo”.⁴⁸ Dentre as notas distintivas das SVA, há, portanto, uma nota de secularidade, entendida como inserção nas realidades terrestres. Sua missão se realiza no coração da história, em solidariedade com as dores, alegrias e esperanças de toda a humanidade. Aí, em meio às vicissitudes do tempo, somos chamados a contemplar e a manifestar a presença do Senhor, vivendo e testemunhando a força transformadora do Evangelho. São João Eudes quis enfatizar a dimensão propriamente batismal do espírito de sua Comunidade, destinada a “fazer profissão da vida de Jesus Cristo” para colocar-se a serviço da Igreja na formação do clero:

Fazemos profissão não apenas de pobreza, castidade ou obediência. Fazemos profissão de Jesus Cristo, isto é, de sua vida, de seu espírito, de sua humildade, de sua caridade, de sua pureza, de sua pobreza, de sua obediência e de todas as outras virtudes que estão nele. Em uma palavra, fazemos a mesma profissão que ele fez diante da face de seu Pai desde o momento de sua Encarnação e que ele cumpriu muito perfeitamente em toda sua vida, a saber: fazemos profissão de jamais fazer nossa própria vontade, mas colocar todo nosso consentimento em fazer a vontade de Deus e permanecer no estado de servos aos olhos de Deus e dos homens por amor a Deus.⁴⁹

Como as Sociedades se ordenam a seu fim apostólico, sua índole secular requer de seus membros disponibilidade e mobilidade, liberdade para ir aonde forem chamados pelo Senhor, conforme os apelos da missão, as necessidades da Igreja e as solicitações das Comunidades a que pertencem. Do ponto de vista pessoal, implica desprendimento de tudo quanto possa reter (pessoas, lugares e/ou coisas), bem como um estilo de vida simples e sóbrio, de modo a poder “aproximar-se”, “descer”, “abaixar-se”, na direção dos dramas e aflições da humanidade, em uma atitude samaritana de compaixão e serviço. Esta atitude fundamental de inserção no mundo resiste à introjeção de mentalidades, tendências, modas e posturas contrárias à vida nova do cristão e aos compromissos inerentes à vocação (as máximas do mundo, na linguagem ascética tradicional), conforme a recomendação do apóstolo: “Não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos, renovando vossa mente, a fim de que possais discernir qual é a vontade de Deus, o que é bom, o que lhe agrada, o que é perfeito” (Rm 12,2). Já do ponto de vista institucional, por força de seu caráter secular, as Sociedades precisam ter a coragem de deixar obras que outros podem realizar, de sorte a dispor de maior liberdade para sair às periferias existenciais, em atenção a urgências pastorais que tocam mais de perto seus respectivos carismas apostólicos, colaborando assim na missão exodal da Igreja, como indica o Papa: “Hoje, todos somos chamados

48 *Carta a Diogneto* (séc. II). Ofício das Leituras da 4ª feira da 5ª Semana da Páscoa.

49 Citado em: DEVILLE. *L'École française de spiritualité*, p. 124.

a esta nova ‘saída’ missionária. Cada cristão e cada comunidade há de discernir qual é o caminho que o Senhor lhe pede, mas todos somos convidados a aceitar esta chamada: sair da própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho”.⁵⁰ Resta-nos, pois, discernir quais são as periferias a que devemos nos dirigir, valendo-nos da liberdade, da mobilidade e da disponibilidade que a missão inspira e requer.

Conclusão

As SVA têm uma trajetória histórica marcada pela afirmação de sua originalidade até chegar à formulação de um reconhecimento jurídico justo, favorável e estimulante. Isso demonstra o quanto pareceu importante a seus fundadores(as) e a seus membros a salvaguarda daquilo que se lhes afigurava como uma intuição mística suscitada pelo Espírito do Senhor para a edificação do Reino. Assim, a identidade eclesial das SVA enfatiza a missão como eixo norteador de um estilo de vida enraizado no Evangelho. Em sua acentuação cristocêntrica, harmonizando contemplação e ação, apoiando-se na fraternidade e inserindo-se nas realidades do mundo, as SVA contribuem para que a missão da Igreja – assumida pela VC, pelos ministros ordenados e pelo laicato como graça e responsabilidade – manifeste sua eficácia e relevância na transmissão convicta da fé e no ardor contagiante da caridade, “até a felicidade perfeita”.

Questões:

1. O que define e caracteriza substancialmente uma SVA?
2. O que as SVA têm hoje a dizer a VC e à Igreja como um todo?
3. Como assegurar a permanente interação entre VC e SVA sem que isso implique anulação das diferenças?

50 EG, n. 78.